

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO
FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL

SÃO PAULO: CAPITAL NORDESTINA
UMA ABORDAGEM DA RELAÇÃO DO
PRECONCEITO E A IDENTIDADE SÓCIO
CULTURAL DO MIGRANTE

AIESA CRISTINA OLIVEIRA SANTOS
BIANCA P. GONZALES COLOMBA

**Orientadora: Vera Cristina
de Souza**

SÃO PAULO
2007

**SÃO PAULO: CAPITAL NORDESTINA
UMA ABORDAGEM DA RELAÇÃO DO
PRECONCEITO E DA IDENTIDADE SÓCIO-
CULTURAL DO MIGRANTE**

**AIESA CRISTINA OLIVEIRA SANTOS
BIANCA P. GONZALES COLOMBA**

**Monografia apresentada ao
Curso da Faculdade de Serviço
Social, da Universidade de
Santo Amaro, como exigência
parcial para a obtenção de título
de Graduação em Serviço
Social.**

**Orientadora: Vera Cristina de
Souza**

**SÃO PAULO
2007**

BANCA EXAMINADORA

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.”

Nelson Mandela

DEDICATÓRIA

*Agradeço ao “Senhor dos Exércitos, bem aventurado o homem que em Ti põe a confiança”.
(SI 84.12)*

Dedico a minha mãe Ana Maria, agradecendo pela confiança e apoio, a Bianca pela paciência e atenção as minhas colocações.

Aos meus irmãos André e Alex Luiz, que são mais que irmãos, verdadeiros amigos.

Ao meu namorado Wilson pelo companheirismo, e carinho ao entender meus momentos de ausência.

A minha orientadora Vera Cristina de Souza, que nos ajudou a tornar possível a realização deste trabalho.

Aiesa Cristina Oliveira Santos

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a minha orientadora Vera Cristina de Souza, que incentivou e apoiou nosso trabalho.
A minha família que entendeu minha ausência e a minha amiga e companheira de pesquisa Aiesa, pela paciência e compreensão.*

Bianca Pareja Gonzáles Colomba

SUMÁRIO

RESUMO	09
INTRODUÇÃO	10
Capítulo I: PRECONCEITO: O QUE É E COMO SE FAZ?	11
1.1. Tipos de Preconceito	14
1.1.1. Preconceito Social.....	15
1.1.2. Preconceito de Gênero.....	16
1.1.3. Preconceito contra Homossexuais.....	16
1.1.4. Preconceito Racial.....	17
1.1.5. Preconceito Regional.....	18
Capítulo II: O MIGRANTE EM SÃO PAULO	21
2.1. Migração.....	22
2.2. O contexto sócio-econômico-cultural do migrante.....	24
2.3. A Atuação do Serviço Social.....	29
2.4. Redes Sociais: resistência e emancipação.....	31
2.5. O Nordeste.....	
2.6. A Identidade Sócio Cultural do Migrante Nordestino.....	
Capítulo III: ANÁLISE DA PESQUISA: A IDENTIDADE SÓCIO CULTURAL	
3.1. Descrição da Metodologia da Pesquisa.....	
3.2. A influência do Preconceito no Reconhecimento da Identidade Sócio Cultural.....	43
3.2.1. Cor.....	44
3.2.2. Preconceito Regional.....	44
3.2.3. Criminalização.....	45
3.2.5. Reconhecimento da discriminação.....	47
3.2.6. Reconhecimento da Identidade Sócio-Cultural.....	48

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
BIBLIOGRAFIA.....	53
ANEXOS.....	56

RESUMO

Este trabalho visou investigar o contexto no qual o migrante nordestino vive hoje na cidade de São Paulo, visto que, de acordo com o censo de 2000, dos 9,1 milhões de migrantes existentes na metrópole paulistana, 32,1% é de origem nordestina.

Na cidade de São Paulo, o nordestino vivencia as contradições da sociedade, sofrendo diretamente seus efeitos: como o desemprego, a condições precárias de moradia, saúde, educação e saneamento. O migrante não pode ser visto somente do ponto de vista econômico e político, mas também do ponto de vista social, visto que, o assistente social atua na complexidade das relações sociais, e o migrante está inserido nessas relações.

Nosso objetivo foi averiguar se há preconceito do paulistano para com o migrante nordestino na metrópole e se isso influencia no reconhecimento de sua identidade sócio cultural.

Uma sociedade com um perfil discriminatório, que apresenta várias formas de preconceito, como contra as mulheres, contra os negros e contra os homossexuais, não apresentaria discriminação contra os migrantes nordestinos? De que forma esse preconceito poderia influenciar na identidade sócio cultural do migrante? É possível que por conta do preconceito, o nordestino negue seu pertencimento à região de origem, para enquadrar-se no padrão determinado pela sociedade paulista, visto que a cultura e os costumes são diferentes?

Nossa hipótese inicial era de que os paulistanos discriminam os migrantes nordestinos, e estes, discriminados, negam sua identidade sócio cultural nordestina para enquadrarem-se no perfil da sociedade paulistana.

Para tanto, realizamos uma pesquisa qualitativa com indivíduos de origem paulistana e nordestina.

Com este trabalho concluímos que, neste grupo, os paulistanos têm preconceito para com os migrantes nordestinos, embora estes não se sintam

discriminados. Além disso, como forma de resistência os mesmos reforçam o reconhecimento de sua identidade sócio cultural nordestina.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visou investigar o contexto no qual o migrante nordestino vive hoje na cidade de São Paulo, visto que nos anos 90, eclodiram campanhas e movimentos anti-nordestinos¹ que solicitavam a restrição da vinda dos nordestinos para a cidade de São Paulo.

No entanto, cabe dizer que há uma escassez de bibliografias produzidas na década de 2000, o que em um primeiro momento nos chamou a atenção. Porém, no decorrer do trabalho entendemos que a maioria das obras data da década de 90, justamente época desses movimentos.

A presença do migrante nordestino, bem como sua cultura é marcante na cidade de São Paulo. Isso nos chamou a atenção para realizar este trabalho.

Hoje em São Paulo, 52% da população é composta por migrantes advindos de vários lugares do país, e que continuam a chegar dia a dia devido à falta de condições em suas cidades de origem.

Esse contingente populacional também serve como uma rica fonte de pesquisa para o Serviço Social, bem como outras áreas sociais, já que a migração está diretamente relacionada com a subjetividade do indivíduo e com aspectos sociais e econômicos do nosso país.

¹ Como veremos no decorrer desta obra, o movimento anti-nordestino citado, refere-se à Campanha pela Expulsão dos Nordestinos de São Paulo, em 1998 (SIMÕES, 1999, p. 107)

CAPÍTULO I

O PRECONCEITO: O QUE É E COMO SE FAZ?

Nosso primeiro capítulo vai discorrer sobre a palavra chave do nosso trabalho: o preconceito.

A palavra preconceito quer dizer prejulgamento, ou seja, firmar e concluir uma idéia sobre algo ou situação antes de conhecê-la previamente, e antes de analisá-la imparcial e cuidadosamente.

No cotidiano, a palavra preconceito é utilizada como uma avaliação negativa para considerar uma pessoa, etnia, grupo social, cultura, idéia ou teoria que não se tem conhecimento necessário para um julgamento neutro.

Embora o prejulgamento faça parte da característica de todo o indivíduo, já que se analisa qualquer coisa ou situação previamente, somente a partir do momento que este prejulgamento fere o coletivo, torna-se o preconceito (PINSKY, 1999, p. 05).

Não se pode confundir preconceito com conceito. O primeiro é a formação de idéias e valores a partir de experiências imediatas sem nenhum trabalho do pensamento, sem nenhuma reflexão; já o conceito é formado a partir de questionamentos, de um trabalho intelectual que visa investigar e verificar a verdade (CHAUI, 1996, p. 123).

Deve-se respeitar a liberdade de escolha de cada um, partindo do pressuposto que atitudes preconceituosas desprovidas de fundamento e de uma avaliação cuidadosa são inaceitáveis. Julgar pessoas baseando-se em condições econômicas, etnia, tradições culturais e religiosas é discriminar (DALLARI, 1996, p. 91). A discriminação pode ser definida como o preconceito em prática, em ação contra a vítima (PINSKY, 1999, p. 07).

É importante discutir o preconceito, pois falar sobre o mesmo é querer entendê-lo melhor e lutar de maneira mais eficaz contra as formas de discriminação (CARDOSO, 1996, p. 11), principalmente quando o preconceito interfere no cotidiano e confere angústias à vítima (BUCCI, 1996, p. 39).

Em nossa Constituição Federal de 1988, o artigo 5º garante que *"todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à*

propriedade”. Porém, ao mesmo tempo em que todos proclamam a igualdade, convive-se com a prática diária de comportamentos discriminatórios e coletivos.

É raro uma pessoa se reconhecer com atitudes preconceituosas, uma vez que o preconceito pode ser apresentado de forma direta, clara, onde a discriminação não exita em ser colocada em prática. Contudo, o mais comum é o preconceito exercido de forma insinuada, pois se esconde através de uma aparência neutra e objetiva.

É difícil identificar a origem do preconceito, porém pode-se dizer que a ignorância é uma das nascentes das atitudes preconceituosas. Julgar e condenar outro indivíduo sem conhecer suficientemente é propício ao preconceito. Outro fator é a educação domesticadora², que “*consiste em educar alguém, que poderá ser uma criança ou adulto, para aceitar sem reflexão ou crítica tudo aquilo que se impinge como verdade absoluta*”, Dessa forma, o preconceito pode estar intrincado nessa educação passada de geração para geração. A intolerância da sociedade, cada vez mais competitiva, faz da convivência social uma abertura para julgamentos e atos discriminatórios sendo que qualquer avaliação inflexível seja justificada (DALLARI, p. 89 - 94).

Nas últimas décadas o preconceito encontra mais espaço para ser praticado, pois encontra uma facilidade maior devido à transmissão das informações, já que hoje a internet é grande divulgadora de notícias e também promove encontros de grupos que compartilham as mesmas ideologias, como exemplo os fóruns de discussão e difusão do preconceito. (LEME, 1999, p. 39).

Como exemplo, fizemos algumas pesquisas em sites de relacionamento, onde buscamos palavras chaves que insinuam o preconceito contra o nordestino: “*Eu gostaria que o Rio de Janeiro fosse*

² Dallari define como educação domesticadora, aquela que perpetua o preconceito de geração para geração, de forma que esta se torna uma verdade absoluta e inquestionável, como é o caso do preconceito contra a mulher que é tratada como frágil e submissa, e por isso, por muito tempo, ficou confinada ao lar, sem a possibilidade de exercer uma profissão (DALLARI, 1996, p. 92).

explodido junto com o Nordeste. Só tem preto e favelado. Na maioria pretos, favelados e ladrões³. Podemos observar que a internet é uma ferramenta utilizada para a difusão desse tipo de preconceito e dessa forma exemplifica a discriminação para com os nordestinos.

Por conta também do neoliberalismo, a competitividade e a livre concorrência são acentuadas, ultrapassando o campo econômico, o mercado, e influenciando as relações sociais; as relações humanas que são prejudicadas pela busca de uma melhor colocação financeira e social na sociedade, como exemplo a disputa por um emprego pode ocasionar ações individualistas, como a discriminação, como forma de afunilar os candidatos e atribuir características negativas ao outro (SIMÕES, 1999, p. 107).

O preconceito afeta as relações sociais negativamente, pois compõe diferenças graves entre os indivíduos, restringe a liberdade, provoca a desigualdade e a injustiça, podendo revogar direitos fundamentais. (DALLARI, 1996, p. 97).

1.1. TIPOS DE PRECONCEITO

“O preconceito é tão forte que acaba assimilado pela vítima. É o caso daquele negro que garante ter feito serviço de branco, ou do imigrante que nega sua origem, ou ainda da mulher que reconhece sua inferioridade” (PINSKY, 1999, p. 22).

Na contemporaneidade o ato de rotular o diferente como inferior tem o objetivo de definir como superior àquele que rotula. Definir o outro como inferior significa definir-se como superior. Quando além de definir o outro como inferior passa-se a agir como se de fato fosse, a discriminação é colocada em prática, já que é atribuída uma característica a partir da generalização de uma minoria. Minoria como conceito ideológico e não aritmético, já que se pode confundir e concluir que todas as minorias

³ A íntegra desta pesquisa encontra-se disponível no ANEXO I deste trabalho.

somadas resultariam numa maioria numérica na sociedade (PINSKY, 1999, p. 22).

Discutiremos algumas rotulações e discriminações contra essas minorias, pois nosso estudo quer identificar se existe o preconceito dos paulistanos para com os migrantes nordestinos na metrópole e se isso influencia na identidade sócio cultural do migrante.

1.1.1. PRECONCEITO SOCIAL

Uma das faces do preconceito é o *preconceito social* que surge no processo de formação de nossa sociedade, onde o Brasil Colônia⁴ foi dividido em duas classes: senhores feudais e índios e escravos. Os escravos não eram considerados como pessoas, visto que eram tratados como propriedade dos senhores feudais. Sposati afirma que o antropólogo Darcy Ribeiro definiu que o fato de termos sido uma colônia com a segregação de classes, não permitiu que superássemos o estigma de que só quem tem dinheiro e poder é considerado cidadão. A pobreza é, portanto, a origem para outras formas de discriminação, enquanto a riqueza pode diluir o preconceito (SPOSATI, 1999, p.114).

Até hoje a divisão da sociedade não mudou, e as classes sociais são separadas pelo modo de enxergar a realidade; porém o modo de vida que perpetua é o da classe dominante: as idéias, opiniões e sentimentos; a outra classe, do proletariado, consome essas idéias, seja por meio da comunicação ou até mesmo da educação. Compram-se as idéias da classe dominante, mesmo que entre em conflito com seus valores.

“A pluralidade de preconceitos das diferentes classes sociais é substituído por um único preconceito, isto é, por uma única ideologia, a da classe dominante” (CHAUI, 1996, p. 121).

⁴ Brasil Colônia: período da colonização portuguesa em nosso país, onde a principal mão de obra da época era de escravos índios e negros (BOCCHI et al, 2006, p. 100).

1.1.2. PRECONCEITO DE GÊNERO

Outra forma de preconceito é o *preconceito de gênero* que ocorre com as mulheres. Durante muito tempo às diferenças biológicas foram utilizadas para inferiorizar a mulher no âmbito dos direitos e oportunidades. Pode-se lembrar que as mulheres já foram obrigadas a casar com quem não queriam, não tinham o direito de exercer uma profissão fora do lar, não podiam administrar seus bens próprios e que até 1934 as mulheres não tinham o direito de votar e nem serem votadas no Brasil (ELUF, 1999, p.14).

A eclosão do movimento feminino⁵ nos anos 60 comprovou que o preconceito incomodava e que embora a garantia de direitos iguais estivesse prevista em lei, não se estendia ao cotidiano e a cultura (CARDOSO, 1996, p.13).

1.1.3. PRECONCEITO CONTRA HOMOSSEXUAIS

Outra forma marcante do preconceito é contra os homossexuais, que algumas vezes ocorre de forma oculta, porém massacrante e que acaba contaminando a vítima que interioriza o preconceito em si mesmo se sentindo culpada por sua orientação sexual, dificultando sua afirmação

⁵ No final do século XIX e início do século XX as feministas atuam no meio do movimento anarquista e operário. Estas já deparavam com questões como a relevância da questão feminista frente às lutas de classe. As mulheres que estavam mais ligadas ao movimento operário colocavam em pauta a discussão da exploração do trabalho, e outras vêm a opressão contra a mulher como resultada da posição dominante do homem, que tinha interesse em deixar as mulheres às margens do espaço público. Logo após a revolução de 30 há uma pausa, no movimento feminino que dura até o final da década de 60. As discussões políticas foram baseadas nas questões socialistas, não havendo espaço para lutas particulares. No final da década de 60 quando o fervor mundial em relação às liberdades civis e a igualdade chegam ao seu pico, deparam com um Brasil oprimido pelo regime militar. Já no final da década de 70, o movimento feminista se torna uma voz importante na luta pela anistia. O exílio também tem grande influência para a propagação do feminismo no Brasil, já que coloca as feministas em contato com os Estados Unidos e Europa lugares onde este movimento já estava bem estabelecido (PINTO, 2003).

perante a sociedade. Como exemplo, podemos citar o caso de jovens que iniciando sua orientação sexual na adolescência, são represados pelos pais de forma indireta, com atos que insinuam que a homossexualidade é errada.

Sem contar que a sociedade oferece padrões de comportamento, onde filmes, publicidades e televisão ditam o caminho a ser traçado pelo heterossexual, deixando que o homossexual descubra seu caminho sozinho. Para este, a sociedade posiciona a heterossexualidade como caminho certo para a felicidade (BERNARDET, 1999, p.30).

1.1.4. PRECONCEITO RACIAL

O preconceito racial está historicamente determinado em nosso país. Com a produção de açúcar na primeira metade do século XVI deu-se inicio a escravidão no Brasil. Os negros africanos eram trazidos pelos portugueses de suas colônias na África para serem utilizados como mão-de-obra escrava nos engenhos de açúcar do Nordeste. O transporte era feito da África para o Brasil nos porões dos navios negreiros. Os comerciantes de escravos portugueses vendiam os africanos como se fossem mercadorias aqui no Brasil (SCHWARCZ, 2007, p. 20).

O racismo pode ser definido como uma avaliação negativa de um indivíduo a partir de seus atributos físicos, valores culturais e religiosos. Este retalha a inserção do negro na sociedade, e afeta diretamente sua dignidade humana. Sem bases científicas, o racismo implica em que um grupo étnico se coloque em superioridade biológica sobre o outro grupo humano, sobrepondo-se sobre o grupo dito inferior. Isso cria situações de desigualdades em todos os níveis de convívio social. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), feita em 2004 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 16% dos negros maiores de 15 anos são analfabetos, enquanto o problema atinge apenas 7% dos brancos na mesma faixa etária.

Entre os 10% mais pobres da população, 71% são negros. Enquanto isso, no topo da pirâmide (na fatia 1% mais rica), apenas 11,3% é negro.

Esses dados permitem mostrar parcialmente como o negro é discriminado em nossa sociedade.

1.1.5. PRECONCEITO REGIONAL

“No Brasil, as diferenças regionais não são diferenças étnicas, mas apenas expressões dos ambientes diversos nos quais se processou a história de nossa sociedade. Nordestinos, sulistas, paulistas, cariocas: essas denominações refletem realidades geográficas, não identidades étnicas. Talvez por isso o separatismo sulista não tenha, até hoje, conseguido atear fogo na imaginação popular. Ainda bem” (MAGNOLI, 1998, p. 123)

Apesar da dificuldade para encontrar produção acadêmica na esfera do Serviço Social, que traga a discussão do preconceito contra o migrante nordestino, vamos tentar entender qual a origem histórica desse preconceito.

O preconceito regional existe desde os tempos antigos como uma vertente do racismo, já que há maior participação dos negros na população dos estados do Nordeste contrapondo com a maioria de brancos nos estados do Sudeste, o que reflete a história da imigração europeia no Brasil. Segundo Magnoli, o preconceito racial é a justificativa do preconceito contra o nordestino. Enxerga-se no migrante a pobreza, ao invés de ver o papel desempenhado do migrante no crescimento econômico da metrópole do Sudeste (MAGNOLI, 1998, 119-125).

Os migrantes nordestinos eram tolerados e até bem quistos como mão de obra barata, já que nos anos 30, houve políticas de subsídios que aliciavam a vinda dos nordestinos para a cidade de São Paulo, tais como pagamento de passagens e colocação profissional, entretanto, hoje na metrópole de São Paulo são vistos como competidores por vagas de emprego (SIMÕES, 1999, p. 107).

Prova disso, pode-se relembrar a Campanha pela Expulsão dos Nordestinos de São Paulo, em 1998, que consistia numa campanha para

“conscientizar o povo paulistano sobre os males causados pela migração e presença de nordestinos desqualificados na cidade”. Essa campanha foi promovida por um grupo neonazista identificado como União Nacional Socialista por São Paulo. Para este grupo os problemas sociais existentes no estado de São Paulo, apesar de ser o mais rico do país, ocorrem pela contínua migração de nordestinos. Esta campanha propunha a instalação de postos de triagem no Terminal Rodoviário do Tietê, encarregado de fazer retornar aos seus estados de origem todas as famílias que não tivessem assegurados emprego e moradia na metrópole paulistana. A pena imposta ao autor dos panfletos, um estudante do último ano de Letras da USP (Universidade de São Paulo) foi à prestação de serviços à comunidade. (SIMÕES, 1999, p. 103).

Podemos lembrar também a declaração do Secretário de Administração Regionais de São Paulo, Alfredo Mario Savelli, publicada na Folha de S. Paulo em 1997, onde este se referia aos migrantes nordestinos:

“Eles estão prejudicando a cidade destinada a ser a capital do Mercosul (...). Da mesma forma que vieram pra cá quando a cidade oferecia oportunidades, eles precisam perceber que elas não existem mais. Os menos instruídos deveriam ir pra Fortaleza, ou para o interior do estado. É duro falar nisso. Mas como secretário, sou um observador privilegiado e posso recomendar que mudem daqui porque o perfil econômico mudou.” (SIMÕES, 1999, p.105)

Essa afirmação do secretário nos traz a forma como o nordestino é visto por alguns paulistanos. Podemos ver que o migrante pode não ser bem quisto, e o preconceito além de regional, que exclui o indivíduo por conta de sua origem que é atribuída a costumes e culturas diferentes, é também um preconceito social, que exclui o pobre e desfavorecido economicamente, independente de sua origem. Savelli desmerece os menos instruídos, dizendo que estes sujam a metrópole de São Paulo. Isso, pois, diferem do padrão da sociedade paulistana, já que a forma de se vestir, de falar, o comportamento e a cultura em geral são diferentes.

Podemos destacar também a recente declaração do Governador José Serra, dada a uma entrevista ao programa de televisão SPTV, onde o

mesmo declarou que *“diferentemente dos estados do Sul, São Paulo tem muita migração e isto é um problema”*, ao ser indagado sobre o desempenho de estudantes paulistas no SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica.

O preconceito não deve ser aceito em nenhuma circunstância, principalmente porque devemos partir do pressuposto que a migração é um direito fundamental do ser humano, assim como continuar em sua região ou país de origem em condições que garantam a dignidade da pessoa humana.

Todo cidadão nasce livre e igual em direitos e obrigações e é responsabilidade da sociedade, da ordem econômica e o Estado garantirem e ampararem essa condição. (SIMÕES, 1999, p. 105).

No nosso próximo capítulo abordaremos o fenômeno da migração dos nordestinos para a cidade de São Paulo, bem como seu contexto socioeconômico e cultural na metrópole e quais as formas de resistência às desigualdades sociais.

CAPÍTULO II

O MIGRANTE NA CIDADE DE SÃO PAULO

Neste capítulo iremos historiar o fenômeno migratório para melhor compreender o volume populacional de origem nordestina da cidade de São Paulo.

No Brasil os primeiros registros de migração datam do século XVI, obedecendo aos fatores econômicos, quando colonos e indígenas migraram da região sul para a região nordeste em busca da expansão da economia cafeeira⁶.

2.1. MIGRAÇÃO

Em São Paulo, a entrada de migrantes iniciou-se no ano de 1900, época em que os números de trabalhadores nacionais eram de 1.434 e estrangeiros 7.348. Em 1903, foi registrada a entrada de 18.161 pessoas em São Paulo, sendo que destes, 2.234 era nacionais.

Neste momento, na virada do século XX, quando diminui o contingente de imigrantes europeus, sentiu-se a escassez de mão de obra. O governo paulista, então, tomou a iniciativa de subsidiar a vinda de migrantes internos, principalmente nordestinos e mineiros, para o Estado de São Paulo.

O incentivo ocorreu pela primeira vez em 1904 quando Carlos Medeiros, então Secretário da Agricultura, estimulou a vinda de nordestinos para a metrópole, garantindo-lhes o retorno após os períodos de colheita. Em 1919, enviou ao Ceará, uma missão para um recrutamento *in loco*. Em 1929 o número de migrantes no Estado de São Paulo atingiu 55.000 contra 40.000 de imigrantes (OLIVEIRA e SALES, 2005, p. 18). É relevante que o governo se opunha à mão de obra dos trabalhadores nacionais, já que qualificava os trabalhadores europeus superiores. Embora não tenha

⁶ Totalmente preparada para a monocultura, à economia colonial e escravista no Brasil cresceu ao produzir uma mercadoria de grande e fácil aceitação no mercado europeu. Assim aconteceu com o açúcar e depois com o café, em meados do século XIX. A cafeicultura forneceu uma sólida base econômica para o domínio dos grandes proprietários, favorecendo a consolidação do Estado nacional. (BOCCHI et al, 2006, p. 104).

colocado em prática, o número de migrantes tornou-se preocupação para São Paulo, que, esboçou uma política de restrição à vinda dos mesmos.

Porém, em 1935, sob o governo de Armando Salles, São Paulo deu início a uma política migratória subsidiada para os trabalhadores nacionais, em sua maioria nordestina e mineira.

Além da passagem o Estado pagava cerca de 60 mil réis para os adultos e 12 mil réis para as crianças.

A década de 30 foi o ápice das migrações internas para o Estado de São Paulo, quando no período da economia cafeeira e algodoeira, começou a tornar-se o parque industrial paulista. *“São Paulo então, torna-se o maior pólo de atração de brasileiros, desde a década de 30 até o principio da década de 60, quando a partir de 64 sofre um decréscimo acentuado”* (OLIVEIRA e SALES, 2005, p. 18).

Os subsídios das políticas de atração migratória exerceram um papel fundamental neste fenômeno.

A Secretaria da Agricultura se incumbia de encaminhar os trabalhadores para as plantações de café e algodão no interior do Estado.

“Em 1939, o Serviço de Colonização e Imigração, instalou pontos de recepção de migrantes nas cidades mineiras de Montes Claros e Pirapora, com locação de funcionários do Estado de São Paulo ali atuarem diretamente. Época em que os migrantes nordestinos desciam o Rio São Francisco em gaiolas (barcos fechados), eram recepcionados e embarcados no trem às expensas do governo paulista em direção às fazendas do interior. Havia uma orientação explícita para que não fosse permitida a permanência na capital de nenhum migrante que passasse pela hospedaria. Tais procedimentos perduraram até 1943” (OLIVEIRA e SALES apud CUTTI, 1997, p 25)

A Hospedaria possuía uma Agência Oficial de Colocação que recebia, classificava e atendia aos pedidos de mão de obra dos proprietários do interior.

Em 1939, a ITM, Inspetoria de Trabalhadores Migrantes, foi criada para substituir as firmas de serviços de imigração subsidiada, e para atender o processo de industrialização do estado.

Com a inauguração da Rodovia Rio Bahia, em 1949, houve uma significativa importância no fenômeno migratório, facilitando-o, já que antes a viagem era feita através de barcos a vapor que saíam de Juazeiro, na Bahia, iam até Pirapora, em Minas Gerais e de lá seguiam de trem para São Paulo.

A política de subsídio teve seu fim na década de 50, e diante do novo quadro, o Departamento de Migração e Colonização passou a atender não só migrante, mas também indigentes (OLIVEIRA e SALES, 2005, p. 20)

A migração tornou-se preocupação para elite paulistana na década de 50/60, quando o número de migrantes tornou-se mais acentuado.

2.2. O NORDESTE

Até os anos 30, a região atualmente reconhecida como Nordeste era chamada de Norte. Isso, pois se entendia o país dividido em duas regiões: norte e sul. Isso explica o fato de a região Norte ser utilizada como região de onde vem o migrante nordestino.

A separação entre o Norte e o Nordeste propriamente dita ocorre no momento da grande expansão da economia da borracha na Amazônia, separando economicamente o Norte, e ao mesmo tempo a hegemonia política de Pernambuco que ajuda a fortificar a identificação da região Nordeste.

Essa nova divisão da região Norte e Nordeste articula-se com os movimentos migratórios decorrentes dos focos econômicos encontrados então somente na região sudeste, com a economia açucareira, também com a substituição da mão de obra imigrante para a mão de obra nacional. Embora os empregadores considerassem a mão de obra nacional como indisciplinada e insolente ao trabalho, os migrantes nordestinos passam a ocupar os postos de mãos de obra na capital econômica. Os nordestinos, então se consagram como mão de obra no sul, divulgando então a existência do Nordeste (NETO, 1994, p 20 - 22).

O nordeste é a região que mais contribuiu com o fortalecimento de mão de obra para a economia nacional. Por este motivo, o nordestino já deveria receber destaque.

Entretanto, no sudeste, local onde houve maior fluxo migratório de nordestino, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro, são estigmatizados e chamados de “paus de arara”, assim como eram denominados os caminhões que chegavam abarrotados a cidade.

A migração como tentativa de melhora de vida e de sobrevivência reduz o nordestino ao excedente populacional, que por não estar em seu local de origem transgride uma ordem e ocasiona o preconceito e a segregação. (NETO, 1994, p 20-22).

Gilberto Freyre⁷, importante escritor das décadas 20 e 30, lança em 1937, seu livro “*Nordeste*”, e concomitantemente Djacir Menezes⁸ lança outra obra: “*O Outro Nordeste*”, na tentativa de valorizar diferentes formas de delimitação espacial. Essas obras discutiam as disputas das elites locais do Nordeste e suas reivindicações frente o governo, bem como a desigualdade de duas regiões, uma em crise e outra em progresso: Nordeste e Sul.

De mesma matriz ideológica, outros autores discursam o Nordeste como uma região em crise, contribuindo para uma imagem de atraso: José Lins do Rego (Cangaceiros, Menino do Engenho, Usina, Riacho Doce, Água Mãe), Raquel de Queiroz (O quinze, João Miguel, Caminho de Pedras, As três Marias, Memorial de Maria Moura), Graciliano Ramos (Caetés, São Bernardo, Angustia, Vidas Secas, A Terra dos Meninos Pelados, Memórias do Cárcere, Viventes das Alagoas) e José Américo de Almeida (A Paraíba e Seus Problemas, A Bagaceira, Memórias de um Cabra), entre outros que afirmavam o Nordeste contra o Sul desenvolvido, buscando delinear

⁷ Sociólogo, antropólogo e escritor de obras como: *O mundo que o Português Criou, Nordeste, Casa grande & Senzala, Sobrados e Mucambos, Ordem e Progresso*, entre outros.

⁸ Autor de Hegel e a filosofia soviética, obras de filosofia, sociologia, economia, psicologia, pedagogia e direito administrativo. Professor de economia da universidade federal do Rio de Janeiro.

características da região: pobreza, seca, linguagem, bem como o separatismo (PENNA, 1992, p. 102)

2.3. O CONTEXTO SÓCIO ECONÔMICO CULTURAL DO MIGRANTE

Em São Paulo, 52% da população é composta por migrantes, advindos de vários lugares do país, e que continuam a chegar dia a dia devido à falta de condições para a sobrevivência nas cidades de origem (SILVA, 2003, p.22).

De acordo com o último censo em 2000, o Estado de São Paulo contava com uma população de 37 milhões de habitantes, sendo que destes, 9,1 milhões são de outros estados, com predominância de 32,1% nordestinos.

Segundo essa pesquisa, São Paulo, continua se consolidando como o Estado que mais recebeu migrantes no país.

Dentre os migrantes, sobressaíram-se os solteiros, com idades entre 15 e 59 anos (idade produtiva), o que confirmaria a hipótese de os mesmos virem em busca de melhorar a qualidade de vida. A Região Metropolitana de São Paulo recebeu cerca de 720 mil migrantes internos, sendo que destes, 72,8% vem dos estados do Nordeste. A capital recebeu sozinha, cerca de 410 mil migrantes, com 73,1% vindos do Nordeste (PERDIGÃO e PERILLO, 2003, p. 03).

Como vimos em nossa pesquisa de campo⁹, o principal motivo para a migração dos nordestinos para a cidade de São Paulo é a busca por melhores condições de vida:

“Eu vim para São Paulo em 1974 [...] vim buscar um padrão de vida melhor... atrás de uma estabilidade financeira [...]” (R., 55 anos, negro, assalariado com registro, ensino médio completo).

“Eu vim pra cá em 92 [...] Eu investi em agricultura lá (Piauí), em arroz, milho [...] Tava uma crise feia lá, aí eu vim com as economias [...] Vim me aventurar, tentar alguma coisa [...] Deixei minha família lá e vim [...] Fiquei sete meses sozinho e depois fui

⁹ Pesquisa realizada para a conclusão deste trabalho – vide ANEXO II.

buscar eles [...]” (S., 49 anos, negro, assalariado com registro, ensino fundamental incompleto).

“Cheguei em 1968. Vim a trabalho, buscando uma coisa melhor na vida. Cheguei aqui sozinho com a cara e a coragem [...]” (J., 32 anos, negro, empregado informal, não alfabetizado).

Em São Paulo, há uma organização responsável pela acolhida dos migrantes nordestinos. A Casa do Migrante, vertente da Pastoral do Migrante¹⁰, é conduzida pelos Missionários Escalabrinianos e por voluntários. Destina-se a acolher migrantes internos recém-chegados, imigrantes e refugiados, através de um Posto de Atendimento de Serviço Social junto à Rodoviária do Tietê (CUTTI, 2007).

A ANESP (Associação dos Nordestinos do Estado de São Paulo) é uma organização sem fins lucrativos, que representa a comunidade nordestina no Estado de São Paulo. Existente há mais de 20 anos, possui programas para o resgate da cultura nordestina bem como a emancipação social dos migrantes.

Localizada no bairro do Brás, foi fundada por Francis Bezerra, jornalista maranhense, que veio para a cidade de São Paulo na década de 70. Francis participa da diretoria como membro da Conseg – Conselho Comunitário de Segurança e como membro da CPA – Comissão Permanente de Ambulantes.

As atividades realizadas pela ANESP compreendem atendimentos jurídicos, odontológicos e encaminhamentos médicos. Possui também oficinas com cursos educacionais e profissionalizantes, bem como a produção do “Jornal Eco-Nordestino”, órgão informativo da ANESP, com tiragem quinzenal de 50.000 exemplares.

Além disso, possui um programa de rádio, o “Fala Nordeste”, que dá voz ao nordestino, informando-os sobre programas culturais e eventos

¹⁰ Pastoral dos Migrantes é um serviço eclesial voltado para a acolhida, orientação e inserção sócio-religiosa dos migrantes sob a animação das Congregações dos Missionários e Missionárias Escalabrinianos, que atuam no Brasil em estreito vínculo com o Setor de Mobilidade Humana da Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz, da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

realizados pela ANESP, além de lembrar a cultura musical nordestina. A ANESP distribui cestas básicas e refeições populares ao migrante nordestino aqui em São Paulo.

O COPANE (Conselho Estadual da Participação e Desenvolvimento Nordestino) atua no combate à discriminação e no fortalecimento das redes da população de migrantes através de encontros promovidos pela também fundadora, Francis Bezerra.

O CONTROP (Cooperativa Nacional de Transportes Rodoviários de Passageiros), também fundado por Francis Bezerra, consiste em uma linha de ônibus, que liga São Paulo e o Nordeste, com passagens mais baratas criada para a população de baixa renda.

Como opções de lazer e cultura na cidade de São Paulo, levantamos os locais mais freqüentados pelos nordestinos, que resgatam sua cultura e os costumes do Nordeste. Dentre eles, pode-se destacar o CTN, Centro de Tradições Nordestinas, que é um centro de lazer, construído especificamente para o público de origem nordestina, que reconstrói e representa as sagas nordestinas através de elementos culturais e referenciais do local de origem desta população. Localizado na Zona Norte da cidade de São Paulo, possui uma área de 25 mil m², que incluem capela, parque de diversões, salão de danças e barracas de comidas típicas, além do estúdio da Radio Atual, que busca a troca de informações entre os ouvintes de São Paulo e do Nordeste. O CTN atende semanalmente cinco mil pessoas.

O Telenordeste, um posto telefônico que faz ligações para o Brasil a preços subsidiados, atinge cerca de 400 ligações por semana. O espaço também oferece serviços como transmissão de fax, xérox e banco 24 horas. Além de um espaço de sociabilidade e entretenimento, o CTN é um local que traz a imagem do Nordeste de forma positiva, oferecendo música, festa, dança e alegria para o povo nordestino.

Outra opção é a Praça Silvio Romero, cujos freqüentadores geralmente já se conhecem previamente, e reforçam uma rede que move desde o sertão até a cidade; encontram-se aos domingos de manhã.

Um dos objetivos que levam os nordestinos a esta praça é a espera por caminhões que trazem encomendas do sertão baiano.

Localizada na Zona Leste da cidade de São Paulo, foi na década de 60 que um grupo de amigos decidiu sanar as dificuldades de transporte do Sertão da Bahia a São Paulo. Criaram uma linha Nordeste-Sudeste-Nordeste que traz e leva cartas e pequenas encomendas. Os motoristas, migrantes, geralmente conhecem as famílias, proporcionando confiabilidade, e facilitando, já que o transporte local na região do sertão é quase inexistente, fazendo com que para verificar se há correspondência é necessário se locomover de 20 a 30km (RIGAMONTE, 1997, p. 27).

A Praça da Sé é um outro ponto de encontro, onde o comércio ambulante que acontece aos domingos é praticado em sua maioria por migrantes nordestinos. *“Ainda que não possa ser considerado um espaço exclusivamente nordestino, na Praça da Sé, há uma dinâmica que relembra as feiras de Caruaru, Juazeiro do Norte e tantas outras”*. Ao olhar pela primeira vez a Praça da Sé parece apenas um espaço público, assim como tantos outros na metrópole de São Paulo; o local é visto como um ambiente a mais na cidade um meio de passagem, não é visto como meio de lazer e convivência. Porém ao ser olhado com atenção nota-se a grande diversidade deste espaço, que sobrevive com suas próprias características. É um ambiente que oferece aos migrantes momentos de contato com suas raízes por meio de manifestações musicais e compra de produtos (RIGAMONTE, 1997, p.29).

Embora existam esses locais de lazer e tradição nordestina, no grupo de nordestinos entrevistados verificamos que apenas 31,25% freqüentam alguns desses locais apresentados. Vimos que muitos mantêm tradições dos locais de origem, porém somente no vínculo familiar ou com amigos mais próximos:

“Eu sabia que tinha um lugar na Zona Norte que tinha festa nordestina, mas nunca fui, nós maranhenses nos reuníamos em Itaquera, nos finais de semana [...] Hoje tem o CTN e o Patativa. Não Freqüento mais não. Antes eu era solteiro, era mais fácil, eu podia ir [...].”

A minha esposa é de lá também (do Maranhão). Eu fui pra lá passar as férias, a conheci, a gente casou e veio pra cá [...]. De tradição da minha terra nós mantemos a comida, a música, as brincadeiras [...]. Eu não gosto de muita bagunça.” (R., 55 anos, negro, assalariado com registro, ensino médio completo).

“Já ouvi falar de uma feira que tem, não sei onde. Mas nunca fui, já tive vontade [...] Mas meu marido não gosta [...] Ai nunca liguei de ir, mas toda vez que vejo na tv fico com vontade de ir, mas nunca fui não [...].

Ah! Mantenho tradições sim [...] A música, a comida, a gente é muito ligado também. A família sabe? Isso é uma característica de lá, somos muito ligados. Eu sou muito dada pra família, dada até demais. Outra coisa também. A gente mistura um pouco o sotaque [...] Mas tem coisa que em casa a gente fala que é de lá. Tem coisas que é bem arrastado [...]” (G., 33 anos, negra, desempregada, ensino fundamental completo).

“Eu conheço a Radio Atual, a Estação 50, em Osasco. E frequento ainda [...]

Eu como carne e feijão do Nordeste. Eu mando trazer de lá de ônibus. Depois eu busco na rodoviária. É que o pessoal de lá me conhece né. Aí põe no ônibus pra mim [...]” (S., 49 anos, negro, assalariado com registro, ensino fundamental incompleto).

“Não conheço nenhum lugar de festa nordestina não. Não dá tempo de se divertir [...]” (L., 38 anos, negra, assalariada sem registro, ensino fundamental incompleto).

“Não conheço nenhum lugar não. Nunca fui em festa nordestina. Só como a feijoada [...] Não conheço nada de lá por aqui.” (F., 17 anos, negro, estudante, ensino médio incompleto).

“Mainha costuma fazer caruru, cocada, feijoada [...] As músicas são as mesmas aqui e lá”. (C., 15 anos, negra, estudante, ensino médio incompleto).

“A comida [...] Minha esposa é de lá também... Aí ela que gosta de fazer: inhame, batata doce, jabá. É bom de vez em quando né?”. (G., 41 anos, negro, assalariado com registro, ensino fundamental incompleto).

2.3. A ATUAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL

Ações emancipatórias decorrem de sujeitos conscientes de si e de seus direitos.

A origem da cidadania deu-se com a declaração dos direitos do Homem e do Cidadão, em 26 de Agosto de 1789, que estabeleceu direitos

iguais e formais para todos. “*A luta não se dá só pelos direitos civis, políticos ou sociais, mas através do direito a terem direitos*”.

Porém, os direitos vêm se limitando pelo individualismo, com propostas neoliberais que representam uma tentativa de privatização das relações sociais, onde “*reduz a sociedade ao mercado, e os direitos a autonomia privada de indivíduos empregadores*”. (BAPTISTA, 1998, p. 198-200).

A liberdade individual de escolher de onde e como trabalhar, bem como dirigir seu consumo, é inalcançável para o migrante na cidade de São Paulo, que não tem alternativa, a não se render às condições impostas pelo empregador.

Na lógica capitalista atual, relaciona-se cidadania com a participação no consumo, onde se defende mais o consumidor do que os cidadãos. Porém, a cidadania não deve ser encarada apenas como concessão de direitos. O que devemos buscar no migrante é a cidadania que emancipa, juntamente com as subjetividades, como autonomia, liberdade, auto reflexividade e auto responsabilidade, não se limitando a “*cidadania política e civil de sujeitos iguais, cidadãos da democracia de massa*”. (BAPTISTA, 1998, p. 200).

O direito a diferença dá origem a outros direitos, proclamados dois séculos depois da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Novos direitos como: à informação, à expressão, à cultura, à identidade na diferença, à auto gestão, à cidadania e aos serviços públicos.

O Serviço Social tem como objeto de trabalho a questão social. Na cidade de São Paulo, o nordestino vivencia as contradições da sociedade, sofrendo diretamente seus efeitos: como o desemprego, a condições precárias de moradia, saúde, educação e saneamento. O migrante não pode ser visto somente do ponto de vista econômico e político, mas também do ponto de vista social, visto que o assistente social atua na complexidade das relações sociais, e o migrante está inserido nessas relações na cidade de São Paulo.

Assim como diz os princípios fundamentais do Código de Ética do Assistente Social, conforme a resolução CFESS, número 273, de 13 de Março de 1993, o profissional deve primar pela “*defesa intransigente dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo*”. Deve ter “*um posicionamento em favor da equidade e justiça social, que assegure a universalidade de acesso aos bens e serviços relativos aos programas e política social, bem como sua gestão democrática*”. Deve também ter empenho na “*eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito á diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças*”. (CFESS, 2006, p. 39)

Assim sendo, o Serviço Social está diretamente ligado ao fenômeno migratório já que deve trabalhar pela defesa dos direitos humanos e garantir o acesso, de todos, aos bens e serviços públicos, bem como deve lutar pela eliminação de qualquer forma de preconceito.

O migrante se coloca para a sociedade a partir dos referenciais que possui. A viabilização de meios para a formação de sua subjetividade provém da articulação do espaço local e cotidiano de suas vidas. Espaço este, que deve ser aproveitado pelo Serviço Social para promover a emancipação da cidadania de cada um. A cidadania como consumo também é incorporado pelo migrante que quer ter acesso aos bens, porém não podem, pois a mobilidade social antes permitida nas décadas passadas aos migrantes está impossibilitada de acontecer em virtude da incapacidade da cidade de São Paulo de absorver os fluxos migratórios e pela crise da economia e do desemprego (BAPTISTA, 1998, p. 202).

Hoje, a cidade é marcada pela desigualdade social, pelo desemprego, pela violência urbana e pela exclusão social onde grande parte dos habitantes vive segregada nas periferias e regiões deterioradas (BOGUS e TASCHNER, 2005).

2.4. REDES SOCIAIS

A crise econômica atual aumenta cada vez mais a distância entre os ricos e os pobres. A exclusão é cada vez mais acentuada e com ela o preconceito.

Os migrantes, inseridos neste quadro, buscam alternativas para sobrevivência na metrópole de São Paulo, que não oferece as condições esperadas pelos nordestinos.

A exclusão e a pobreza assumem variadas faces frente à acumulação do capital, da globalização da economia, dos avanços da tecnologia, da informação e das novas relações de trabalho.

Os migrantes nordestinos procuram viver em comunidades com seus iguais, buscando bases afetivas e práticas comuns, revivendo assim a origem e a cultura, resistindo à opressão e a exclusão.

As redes sociais formam uma espécie de resistência a este contexto de desigualdades já que, conforme Milton Santos “*o que globaliza separa, é o local que permite a união*”, ou seja, as redes sociais agem tal qual comunidade e servem como forma de ajuda mútua (BAPTISTA, 1998, p. 183).

Pode-se definir a idéia de rede como um movimento formado por grupos que dividem a mesma cultura, a mesma identidade. As redes constituem uma alternativa para o enfrentamento das dificuldades das relações distanciadas e discriminatórias enfrentadas na sociedade (BAPTISTA, 1998, p. 186).

As redes sociais dos migrantes são espaços onde se percebe elementos de conformismo e resistência ao contexto da cidade de São Paulo, que não dá acesso aos direitos e que se mostra preconceituosa a esta população.

O espaço de redes sociais é favorável à atuação do Serviço Social, pois, as relações são predominantemente horizontais, onde estão intrincados a solidariedade, o sentimento de comunidade, a preservação da

cultura, que contribuem para a construção da cidadania e uma ação emancipatória.

A falta de acesso, a privação e a discriminação desencadeiam nos migrantes a necessidade de juntarem-se em busca de sua identidade e de sua sobrevivência.

Porém não significam a participação política no espaço público e na sociedade civil, e sim somente como possibilidade de troca de objetos de uso, serviços e ajuda mútua.

O migrante ocupa um espaço subalterno na cultura urbana dominante. As redes sociais possibilitam a construção de laços afetivos e a reterritorialização na metrópole. Porém, desencadeia formas de discriminação, estigma territorial, nas relações com a sociedade, sendo discriminados por serem nordestinos e favelados.

As redes sociais podem significar a possibilidade de suprir as necessidades, tanto materiais (comida, casa, remédios) como as emocionais, como forma de amenizar a saudade de casa, bem como enfrentar os desafios impostos pela metrópole. Entretanto, atualmente, em tempos de dificuldades de sobrevivência, torna-se mais difícil o acolhimento dos conterrâneos, sendo que este quando acontece é por tempo limitado.

Os conterrâneos aqui se juntam como forma de encarar as dificuldades e de lutar pela sobrevivência.

Essas comunidades são alternativas para o enfrentamento da crise de trabalho já que o emprego formal tem dado cada vez mais lugar ao subemprego. O estado não satisfaz os direitos básicos da população, aumentando ainda mais a exclusão.

As relações sociais ocorrem de modo igualitário e horizontal, propiciando assim uma brecha para a atuação do Serviço Social, já que se torna um espaço possível à construção da subjetividade, *“como defesa das identidades sociais contra as identidades globais”*. Assim:

“Analisando a perspectiva de considerar os movimentos sociais como manifestações de rede ou se nos movimentos sociais as redes podem ser potencializadas, coerentemente com nosso

objeto, que nos movimentos sociais as redes sociais podem ser potencializadas. Daí seu conteúdo emancipatório, apesar de latente, submerso, com pouca visibilidade, mas que pode ser articulada em determinadas situações” (BAPTISTA, 1998, p. 183).

As redes sociais no fluxo migratório dão apoio psicológico e material, já que o migrante que vem para São Paulo, encontra aqui subsídios necessários para os primeiros contatos com a metrópole, além de aumentarem a probabilidade de migração, pois:

“Correntes migratórias são estimuladas pelas redes sociais baseadas em laços familiares, de amizade e comunitários. Ligando migrantes e não migrantes em uma complexa teia de relações sociais e interpessoais, tais redes conduzem informação, assistência social e financeira. Elas também modelam os efeitos da migração – desde a não migração, a imigração, a migração de retorno e a continuidade dos fluxos migratórios” (BILAC, 1995, p. 70).

Assim sendo, as redes sociais apresentam-se com um aporte para os migrantes nordestinos na cidade de São Paulo, já que através dessa relação, constroem-se vínculos e mediações criando alternativas de sobrevivência e possibilitando um espaço para emancipação da subjetividade.

Constituem conjuntos formados pela identidade, pois o migrante sai do meio rural e vem para o urbano, cujo mercado de trabalho não está aberto a recebê-lo e pelo contrario, o mesmo é repudiado na cidade.

Como podemos ver, em nossa pesquisa de campo¹¹, isso foi confirmado:

“Vim em 1997, com meus dois filhos. Meu marido já morava aqui e já tinha alugado uma casa. Ele já trabalhava aqui, foi mais fácil [...]”. (L., 38 anos, negra, assalariada sem registro, ensino fundamental incompleto).

“Eu vim com a minha mãe e meus dois irmãos quando tinha uns oito anos. Meu pai já morava aqui, a gente já tinha casa aqui [...]”. (F., 17 anos, negro, estudante, ensino médio incompleto).

“Cheguei em São Paulo mais ou menos em 1993. Vim aqui para trabalhar, viemos eu e uma amiga. Meu irmão já estava aqui,

¹¹ Vide ANEXO II

fiquei na casa dele [...]”. (I., 35 anos, negra, desempregada, ensino fundamental incompleto).

“Cheguei em São Paulo mais ou menos em 1962, vim a trabalho, não tinha nada em vista, mas vim procurar. Vim com minha mãe. Quando chegamos aqui, ficamos na casa do meu tio”. (I., 34 anos, negra, assalariado com registro, ensino fundamental incompleto).

“Cheguei aqui mais ou menos em 1994. Vim para São Paulo apenas para trabalhar, onde eu estava não havia oportunidades. Vim tentar a vida sozinho. Meu irmão veio pra cá primeiro que eu, então quando eu vim, fiquei na casa dele”. (L., 35 anos, negro, assalariado com registro, ensino médio completo).

Conforme Bilac (1995) podemos ver que as migrações nesse caso foram facilitadas pelo fato de os entrevistados já possuírem alguém ou algum lugar para ficarem pré determinados.

3.3. A IDENTIDADE SÓCIO-CULTURAL DO MIGRANTE

Utilizamos em nossa pesquisa o conceito de identidade sócio-cultural como um sistema de representação das relações entre indivíduos e grupos, que compartilham da língua, da cultura, do trabalho, da religião, que são construídas continuamente, alimentando-se de várias formas no tempo e no espaço (OLIVEIRA, 2006).

A identidade é um conceito que não engloba uma única definição, já que pode ser definida por vários aspectos. De acordo com Lindoso (1997) a identidade pode ser *“estabelecida ou reconhecida com base em qualquer critério convencional. Esse conceito explicita o caráter da construção da identidade, uma vez que os critérios precisam ser ‘estabelecidos’ e ‘reconhecidos’”*. A identidade trata de uma construção simbólica, uma representação que diferencia o “nós” do “eles”.

O migrante se coloca para o mundo a partir dos referenciais que possui. A construção de sua subjetividade na metrópole decorre de sua vivência.

O nordestino quando sai do seu local de origem e vem para a cidade, o faz idealizando, como um local de prosperidade, ascensão social, consumo e felicidade. Porém, não é assim que a metrópole se apresenta. (PENNA, 1992, p. 112).

O migrante vivencia um processo de socialização e recriação de valores e idéias nas relações com o espaço e com as pessoas, bem como de seu modo de vida, já que vive em um novo universo social e cultural. Ele vai incorporar-se a um novo meio urbano, que se dará conforme as leis de modernidade.

A cultura do povo, em nossa pesquisa, foi utilizada conforme a definição de Chauí (1996), que diferencia cultura produzida pelo povo (cultura regional), da cultura popular que assume o sinônimo de cultura e identidade nacional.

Assim sendo, a cultura do povo é considerada subalterna, já que o que vem do povo é excluído, pois estes são vistos como incapazes de ler e olhar a alta cultura, pois não fazem parte da sociedade de consumo. (PENNA, 1992, p. 75).

A cultura do migrante nordestino interage com a cultura urbana. O nordestino adapta-se a vida urbana, refazendo seus referenciais, onde sua identidade sócio-cultural não permanece inteiramente fiel ao passado. Porém, seria ela influenciada por este processo a ponto de ser negada? A incorporação dos padrões culturais da cidade é suficiente¹² ou eficiente¹³ para que a identidade sócio-cultural seja perdida? Como o Baptista (1998), “*incorporar o novo, não implica necessariamente, em destruir o velho*”, porém como vemos, a cultura do povo, deste povo nordestino é considerada subalterna pela cultura da metrópole.

¹² Suficiente: habilidade; capacidade; que satisfaz bastante. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa, 15^o Edição, p. 1334.

¹³ Eficiente: eficaz; que produz efeito desejado; que dá bom resultado. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa, 15^o Edição, p. 1334.

Embora o migrante na metrópole tenha que reinventar sua identidade sócio-cultural, o preconceito pode agir como exterminador, de forma que o indivíduo negue suas raízes, ou então como energético, de forma que reforce suas raízes, para a manutenção de sua cultura.

O migrante busca seu passado no presente através da música (vaquejada, viola, xaxado, frevo, repente, forró, gemedeira, embolada), comidas típicas (carne seca, rapadura, manteiga de garrafa, dendê, tapioca, jaca, banana da terra). Os costumes nordestinos inserem-se no cotidiano urbano através de centros de cultura, lojas com produtos típicos, salões de dança. Nesses encontros buscam reencontro com seus valores e a reafirmação de suas identidades. Fica claro que, como vimos no Capítulo anterior, existem em São Paulo locais que representam a cultura nordestina, como o Centro de Tradições Nordestinas (CTN), o Patativa, a Associação de Nordestinos no Estado de São Paulo (ANESP), onde os nordestinos têm uma grande parcela na cultura da cidade de São Paulo.

A cultura do nordestino também está muito ligada à família, que constitui apoio nos momentos de crise financeira e psicológica, já que a organização social é apoiada nos grupos domésticos que se formam por parentes, amigos e conterrâneos.

Essa rede social que os nordestinos constroem contradiz o individualismo associado à cultura urbana.

A identidade sócio-cultural não decorre automaticamente do local de nascimento, podendo ser reconhecida através da vivência, da prática cultural ou até mesmo da auto-atribuição, como define Penna (1992). O indivíduo se enraíza em espaços de comunicação e pertencimento.

A identidade sócio-cultural é passível de transformação de acordo com o tempo, o espaço, as circunstâncias em que vive o indivíduo. A relação entre contexto social e o indivíduo para apreensão da identidade é elaborada a partir de situações que fornecem valores, ideologias e sistema de categorização social.

O indivíduo pensa e representa o mundo através de referências geradas pela sociedade.

Pela psicologia:

“Os processos psicológicos que tendem a ordenar o meio ambiente em termos de categorias; grupos de pessoas, de objetos, de acontecimentos, ou grupos de alguns de seus atributos, na medida em que são ou semelhantes ou equivalentes uns aos outros pela ação, pelas intenções, ou pelas atitudes do indivíduo” (PENNA, 1992, p. 63).

Desse modo, esse processo de categorização fundamenta a construção das representações de identidade, assim como na obra de Penna (1992), Dumont explica que *“reconhecer é a mesma coisa que avaliar ou integrar”*, sendo que, *“reconhecer o outro como outro (diferente) implica necessariamente em pensá-lo como inferior ou superior e, por conseguinte em pensar sua relação com ele”*. (DUMONT 1985 p 252 – 276 – PENNA p 65).

As classificações relativas à identidade são feitas para o reconhecimento no que diz respeito à inclusão de uma classe, bem como os valores e atributos que lhe são incorporados. As representações de identidade *“contribuem para formar e desfazer os grupos enquanto defendem, por outro lado, das relações de força que se estabelecem entre eles, nas práticas que cotidianamente os põem em contato e os confrontam”*. (PENNA, 1992, p. 123)

O reconhecimento da identidade deve ser tratado com cautela, pois os indicadores para tal devem buscar os elementos que são socialmente importantes e significativos. *“A identidade é decorrente do modo de vida e dos bens simbólicos que o indivíduo consome (ou eventualmente produz), pois as práticas culturais¹⁴ podem ser preservadas em outros espaços recuperadas pela memória ou recriadas”* (PENNA, 1992, pg 124).

O reconhecimento da auto-identidade é maleável, pois pode variar de acordo com o contexto em que o indivíduo está inserido. Já o reconhecimento da alteridade é elaborado através de manifestações

¹⁴ A cultura consiste num conjunto global de modos de fazer, ser, interagir e representar que, produzido socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, defendem o modo pelo qual a vida social se desenvolve (PENNA, 1992, p. 73).

culturais reconhecidas como típicas: talvez o forró, baião, chapéu de couro, carne de sol com feijão verde ou a macaxeira com manteiga de garrafa.

O estereótipo do que é reconhecido como tipicamente nordestino é fruto das representações guiadas pelo discurso regionalista ou com a imagem criada pelo Sul e Sudeste, de acordo com as relações de forças que delimitam as regiões brasileiras (PENNA, 1998, P. 74-75).

Para o reconhecimento da identidade buscamos na obra de Penna (1992), as classificações utilizadas para tal:

- a) Naturalidade: a condição aqui para o reconhecimento da identidade é o local de nascimento, pois se este estiver no espaço geográfico delimitado como Nordeste, então este indivíduo é automaticamente nordestino;
- b) Vivência: neste, o reconhecimento da identidade está ligado pelo tempo vivido em determinado espaço;
- c) Cultura: as manifestações e práticas culturais são elementos de reconhecimento da identidade;
- d) Auto-atribuição: para este elemento, o importante é como o indivíduo se reconhece, não considerando aspectos observáveis, já que as três primeiras satisfazem condições empíricas, fatos dados.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DA PESQUISA: A IDENTIDADE SÓCIO- CULTURAL

3.1. DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA DA PESQUISA

O objetivo de nossa pesquisa foi verificar a existência de preconceito dos paulistanos contra os migrantes nordestinos na cidade de São Paulo, e de que forma esse preconceito influenciaria na identidade sócio-cultural do indivíduo.

Nossa pesquisa de campo foi realizada no decorrer do mês de julho do ano de 2007, com os freqüentadores do Projeto Arrastão Movimento de Promoção Humana, localizado no bairro do Campo Limpo, Zona Sul de São Paulo, que atualmente atende 3000 pessoas, com projetos no segmento social, educacional e cultural.

Nós pesquisadoras fizemos estágio de Serviço Social na organização, e optamos pelo local por conta da facilidade de entrosamento com os moradores das comunidades próximas, já que o Projeto Arrastão é forte atuante no local, e também porque 72% dos beneficiários dos programas da organização têm origem nordestina¹⁵.

A nossa pesquisa de campo obedeceu às seguintes metodologias:

- a) Foi uma pesquisa qualitativa;
- b) Foram entrevistadas 16 pessoas de origem nordestina e 16 pessoas paulistanas, todas elas atendidas por nós no mês subsequente do início da pesquisa de campo, totalizando 32 entrevistados¹⁶;
- c) A variável gênero não fez parte do critério de seleção, pois foram entrevistadas pessoas do sexo masculino e feminino, tantas quantas estiveram no universo pesquisado;
- d) A idade também não fez parte do critério de seleção dos nordestinos, já que todos os indivíduos de origem nordestina foram abordados;

¹⁵ Dados obtidos de pesquisa realizada pelo Projeto Arrastão com pais de alunos, para realização de re-matrícula dos alunos em programas pedagógicos, culturais e sociais no ano de 2007.

¹⁶ A escolha de entrevistar 32 pessoas advém do número de atendimentos que nós, pesquisadoras e estagiárias da organização, realizamos no Projeto Arrastão, por final de semana.

e) Os indivíduos paulistanos foram selecionados por cotas de acordo com a faixa etária das famílias nordestinas entrevistadas primeiramente.

A entrevista com o nordestino compreendeu a coleta de dados e relatos da experiência migratória, vivência e relacionamento na cidade de São Paulo. Já a entrevista com os paulistanos, buscou compreender a visão dos paulistanos em relação ao fenômeno migratório ¹⁷.

As entrevistas tiveram duração média de 25 minutos por entrevistado. No que tange a qualidade das respostas obtidas, procuramos extrair o máximo de informações necessárias para alcançar nosso objetivo, sem, entretanto, induzir ou coagir a qualquer resposta.

Este trabalho teve o cuidado de preservar os nomes dos entrevistados, utilizando as iniciais.

3.2. A INFLUÊNCIA DO PRECONCEITO NO RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE

Nossa pesquisa trata da influência do preconceito no reconhecimento da identidade sócio-cultural. Como vimos no primeiro capítulo, o preconceito quer dizer prejulgamento, ou seja, afirmar e concluir uma idéia sobre algo ou situação antes de conhecê-la previamente e antes de analisá-la imparcial e cuidadosamente. É geralmente utilizada como uma avaliação negativa para considerar uma pessoa, etnia, grupo social, cultura, idéia ou teoria que não se tem conhecimento necessário para um julgamento neutro (PINSKY, 1999, p. 05).

O reconhecimento da identidade implica na diferenciação do “eu” e o “outro”, do “nós” e “eles”. Assim, o reconhecimento do diferente é oportuno para que haja atribuições e classificações ao indivíduo, sejam elas positivas ou negativas, dando abertura para a prática do preconceito.

Outra relação que fazemos é que, pelo fato da identidade ser criada e recriada cotidianamente no tempo e no espaço de vivência, situações

¹⁷ Vide roteiro completo da entrevista no ANEXO II deste trabalho.

Escolaridade	Renda Mensal	Situação Empregatícia
1 Não Alfabetizado	4 R\$ 380,00 a R\$ 760,00	7 Assalariado c/ registro
9 Fundamental Incompleto	6 R\$ 761,00 a R\$ 1.520,00	1 Assalariado s/ registro
2 Fundamenta Completo	0 Acima de R\$ 1.521,00	2 Emprego Informal
3 Médio Incompleto	6 Sem Renda	2 Desmpregado
2 Médio Completo	*	4 Estudante
0 Superior Incompleto	*	*
0 Superior Completo	*	*
0 Não Alfabetizado	2 R\$ 380,00 a R\$ 760,00	14 Assalariado c/ registro
1 Fundamental Incompleto	14 R\$ 761,00 a R\$ 1.520,00	1 Assalariado s/ registro
0 Fundamenta Completo	0 Acima de R\$ 1.521,00	1 Emprego Informal
8 Médio Incompleto	0 Sem Renda	0 Desmpregado
0 Médio Completo	*	0 Estudante
4 Superior Incompleto	*	*
3 Superior Completo	*	*

Tabela 1. Perfil dos entrevistados: Julho 2007.

3.4.1. Cor

O preconceito regional existe desde os tempos antigos como uma vertente do racismo, já que há maior participação de negros na população dos estados no Nordeste (MAGNOLI, 1998, p. 123). Em nossa pesquisa de campo, quando questionados, todos os nordestinos entrevistados se autodeclararam negros.

3.4.2. Preconceito Regional

Analisamos que 68,75% dos paulistanos entrevistados relacionam a migração dos nordestinos para a cidade de São Paulo com a pobreza, ao invés de ver o papel desempenhado por estes no crescimento econômico da metrópole. Estes também responsabilizam os migrantes pelo crescente desemprego, e até mesmo os enxergam como competidores por vagas de emprego, como vimos nos depoimentos abaixo:

“A maioria vem sem estudo, vem sem estrutura, sem educação, sem onde morar, vem com a roupa do corpo praticamente [...] Vem pra arrumar emprego e aqui não ta fácil... A gente que é daqui já é difícil [...] Imaginem eles?” (P., 42 anos, negro, assalariado com registro, ensino médio completo).

“Quem vai botar a mão na massa?” (W., 45 anos, negro, assalariado com registro, superior completo).

“Porque o nordestino não vem pra cá pra ser empregador, vem pra ser empregado [...] E o que falta em São Paulo, é empregador. A culpa do desemprego é dos nordestinos. Enquanto os paulistas estão trabalhando em escritórios, os nordestinos estão em canteiros de obra. Paulista é mais estudado, tem mais chance de estudar.”(A., 18 anos, branco, assalariado sem registro, ensino fundamental completo).

“A maior influencia é mesmo pelo desemprego, pois os migrantes acreditam que vindo para as cidades grandes têm maior chance de conseguir um emprego, porém nem sempre é assim, pois do mesmo modo que a cidade é grande o número de pessoas que nela reside também é grande por tanto a procura de trabalho fica bem mais disputada.”(C., 21 anos, branca, assalariada com registro, cursando ensino superior).

“Pode ser bom pra cidade crescer, mas no caso de São Paulo, é prejudicial, pois o numero de desemprego cresce a pobreza aumenta e a cidade então aumenta em tamanho e habitantes e diminui na qualidade de vida”. (C., 30 anos, negra, assalariada com resgistro, cursando ensino superior).

“Isso é prejudicial, devido à falta de empregos e oportunidades fazendo pessoas abandonam seus estado, familiares e amigos para sobrevivência ou em busca de futuro melhor, causando super lotação em outras cidades deixando de ser um crescimento sustentável, mas sim uma competição em busca de sobrevivência.” (W., 30 anos, negro, assalariado com registro, cursando ensino superior).

3.4.3. Criminalização

Os paulistanos atribuem aos migrantes uma presença negativa, pois relacionam a migração diretamente com a crescente criminalização, favelização e precariedade nos serviços públicos. Vejamos:

“[...] Deveria fechar a rodoviária. Quanto mais gente, mais roubo, mais favela e mais desemprego [...]”. (D., 35 anos, branco, assalariado com registro, superior completo).

“Quanto mais pessoas tiverem num lugar, mais desemprego. Porque o nordestino não vem pra cá pra ser empregador. Vem pra ser empregado. E o que falta em São Paulo, é empregador”. A culpa do desemprego é dos nordestinos. Enquanto os paulistas estão trabalhando em escritórios, os nordestinos estão em canteiros de obra. Paulista é mais estudado, tem mais chance de estudar.

A migração tem relação com a violência, pois a maioria dos ladrões é nordestina. A gente vê na tv.

Se os nordestinos não viessem pra São Paulo, não teria tanta gente pra atender [...]”. (A., 18 anos, branco, assalariado sem registro, ensino médio completo).

“Você já não tem emprego para o paulista. Quanto mais com essa quantidade de gente. Ele vai roubar pra comer. Os índices de criminalidade vão aumentar [...]”. (W., 45 anos, negro, assalariado com registro, superior completo).

“A migração influencia na violência. Eles vêm tentar alguma coisa e não conseguem nada. Aí partem para o crime.” (R., 44 anos, negro, assalariado com registro, ensino fundamental completo).

“Eles vêm aqui pra periferia. Pra favela. Não tem onde morar. Infelizmente o contingente é muito grande. O contato diário com a favela influencia na criminalização [...]”. (S., 37 anos, negro, assalariado com registro, ensino médio completo).

3.4.4. Confluência Cultural

Dos paulistanos, 75% consideram a confluência da cultura nordestina e paulistana como algo positivo, citando que esta vem para enriquecer a cultura local:

“A influencia da migração é positiva. Só enriquece ainda mais a cultura paulista”. (A., 34 anos, negra, assalariada com registro, ensino superior).

“Acredito que influencia de forma positiva, afinal de contas é uma injeção a mais de conhecimento”. (C., 30 anos, negra, assalariada com registro, ensino médio completo).

“O Brasil tem como seu símbolo a mistura. A cultura nordestina influencia positivamente bem como a do Mineiro e como a do Gaúcho.” (R., 35 anos, branco, assalariado com registro, ensino superior).

Assim como citada no primeiro capítulo desta pesquisa, de acordo com Simões (1999), a Campanha pela Expulsão dos Nordestinos de São Paulo, em 1998, que consistia numa campanha para conscientizar o povo paulistano sobre os males causados pela migração e presença dos nordestinos desqualificados na cidade, promovida por um grupo neonazista que responsabilizava a contínua migração pelos problemas sociais, questionamos os paulistanos entrevistados em campo, sobre o apoio à políticas para restrição da vinda ou até mesmo expulsão dos nordestinos da cidade de São Paulo; 25% concordaram, como mostrado abaixo:

“Sobre restrição da vinda acho ótimo, poderia começar a resolver os problemas, mas quanto a expulsar não tenho uma opinião, pois melhoraria para a cidade, mas poderia prejudicar a situação das pessoas”. (C., 30 anos, negra, assalariada com registro, ensino médio).

“Ótimo deveria já ter começado, mandem todos embora aqui já tem gente demais”. (D., 35 anos, branco, assalariado com registro, ensino médio).

“Lógico que seria bom restringir a vinda deles pra cá... Aqui já não suporta mais... Eles estão invadindo tudo... Não tem pra onde crescer mais... Não tem emprego, não tem nada... Eles só ficam fazendo filho por aí”. (P., 42 anos, negro, assalariado com registro, ensino médio).

“Se os nordestinos não viessem pra São Paulo, não teria tanta gente pra atender. São Paulo é um país dentro do Brasil. Deveria ter restrição, deveria ter visto, como nos Estados Unidos. São Paulo só não vira país porque senão o Brasil acaba. A renda de São Paulo é maior que a do país inteiro. Deveria restringir a vinda dos nordestinos, pois eles vêm pra serem empregados. E como exemplo: o gaúcho vem pra empregar. Ou o curitibano, que é melhor que gaúcho né?”. (A., 18 anos, branco, assalariado sem registro, ensino médio).

3.4.5. Reconhecimento da discriminação

Percebemos que a maioria dos nordestinos entrevistados atribuem à cidade de São Paulo e aos paulistanos uma boa acolhida, e não relacionam as dificuldades sofridas com sua origem. Para 81,25% dos nordestinos entrevistados em campo, eles não se sentem ou nunca se sentiram discriminados aqui na cidade de São Paulo:

“Eu nunca senti dificuldade, a única coisa que eu tenho é o que todo mundo tem. Nunca teve discriminação.

Eu ouvi o Maluf falando que se ganhasse a presidência ia expulsar os nordestinos daqui. O Brasil é de todos. Quem quiser pode ir pra qualquer lugar. Eu não me senti intimidado, pois não dependo de político pra sobreviver, dependo do lugar, do meu trabalho pra sobreviver”. (S., 49 anos, negro, assalariado com registro, ensino fundamental incompleto).

“Nunca sofri nada de discriminação. A gente brinca muito. Mas nada que magoe. Chamam de cabeça chata, de baianinho. Mas nem ligo, nem esquento a cabeça. Eu tenho orgulho”.(G., 41 anos, negro, assalariado com registro, ensino fundamental incompleto).

“Não, tive nenhum problema, em relação a ser nordestino pra mim as coisas foram difíceis como é pra todo mundo independente de ser paulista ou nordestino”. (J., 32 anos, negro, empregado informal, não alfabetizado).

Entretanto, nós pesquisadoras, atribuímos essa situação, possivelmente, ao fato de os nordestinos entrevistados, viverem em comunidades, já que todos residem ao entorno do local da entrevista, Projeto Arrastão, onde essas redes sociais formam uma espécie de resistência ao contexto de desigualdade social e por ser um movimento formado por grupos que dividem a mesma cultura, a mesma identidade (BAPTISTA, 1998, p. 183-186)

Em contrapartida, 18,75% se sentem ou já se sentiram discriminados:

“Já sofri preconceito sim. Logo quando cheguei aqui, na escola. O pessoal falava: essa daqui é uma baianinha que chegou agora. Mas eu nem ligava. Deixava pra lá. Teve uma vez que marcou bastante. Logo quando cheguei: a professora falou que eu falava muito arrastado. A gente fala carrrrne né? E o pessoal aqui fala carne. Aí ela me disse ‘menina! Fala direito! Vocês baianos têm mania de colocar r onde não existe. Não é carrrrne, é carne. Você vai ter que aprender falar que nem aqui. Fala direito!’ Aí eu chorei muito. Disse pra minha mãe que não voltaria mais pra escola. Minha mãe falou: ‘calma filha, é assim. Logo você se acostuma’.

Eu fiquei muita magoada sabe? Teve outra vez também. Quando comecei a me interessar pelo meu esposo. Eu tinha uma colega paulista que falou. O S. não merece namorar você. Você é nordestina. Ele merece namorar uma paulista. Ele merece coisa melhor. Aí eu disse pra ela que ele quem deveria decidir. Ainda bem que ele escolheu a nordestina aqui [...]

Teve a vez lá dos carecas. Eu morria de medo de sair na rua. Eu dizia que era mineira, gaúcha, qualquer coisa, menos nordestina. Ficamos com medo né? [...]

É que os próprios paulistas fazem à gente pegar bronca deles. Eles não gostam da gente. Não vou falar que nordestino é boa gente. Sempre tem sua viravolta, mas é difícil. Mas tem muito paulista bom também. Que trata a gente com carinho. Que faz questão de receber a gente”. (G., 33 anos, negra, desempregada, ensino fundamental).

“Já passei por uma situação ruim já [...] No começo ficavam zoando na escola por causa do sotaque, mas eu discutia, brigava com eles, mas eu continuava falando do mesmo jeito”. (F., 17 anos, negro, estudante, ensino médio incompleto).

“Já me senti inferior sim. As pessoas nos olham com preconceito, mas acho que isso é com todos. O preconceito é mais racial”. (I., 34 anos, negra, assalariada com registro, ensino fundamental incompleto).

Destes, apenas dois relacionam a discriminação sofrida ao fato de serem nordestinos, já que estes se referem ao sotaque, modo de vestir e costumes. O restante classifica as discriminações como preconceito racial.

3.4.6. Reconhecimento da Identidade Sócio-Cultural

Em nossa pesquisa de campo questionamos aos 16 nordestinos sobre o auto reconhecimento de identidade de cada um: “Você se considera nordestino ou paulista?”. Como vimos, Penna (1992) define que para este auto-reconhecimento são utilizadas classificações como: a naturalidades, as práticas culturais, a vivência e a auto-atribuição. Para 81,25% dos nordestinos, o reconhecimento da identidade nordestina, advém da naturalidade e das práticas culturais:

“Eu sou nordestino [...] Nós não esquecemos as raízes né? Eu sempre vou pra lá. Não esqueço minhas raízes”. (R., 55 anos, negro, assalariado com registro, ensino médio completo).

“Nordestina com certeza! Eu não tenho vergonha de dizer que sou nordestina. Tem gente que tem né? Eu mesmo, as vezes encontro com alguns amigos de lá. E eles falam que são de Recife [...] Aqui em São Paulo todo mundo fala que é de Recife Eu não tenho vergonha, falo mesmo que sou nordestina. E sou do interior. Eu quero levar meu filho pra conhecer lá minha cidade, quero que ele tenha orgulho. Os nordestinos ajudaram a construir São Paulo.” (G., 33 anos, negra, desempregada, ensino fundamental completo).

“Me considero nordestino com muito orgulho! Não tenho vergonha, não nego pra ninguém. Meus filhos tudo fala que é piauiense”. (S., 49 anos, negro, assalariado com registro, ensino fundamental incompleto).

“Ah! Eu sou pernambucano! Eu nasci lá, e minha família é de lá [...] Eu sou pernambucano”. (F., 17 anos, nego, estudante, ensino médio incompleto).

“Oxi, me acho baiana, nasci lá”. (C., 15 anos, negra, estudante, ensino médio incompleto).

“Eu me considero nordestina, porque foi lá que eu nasci”. (I., 34 anos, negra, assalariada com registro, ensino fundamental incompleto).

Para 18,75% restantes, o reconhecimento da identidade, advém da convivência de muito tempo:

“Agora eu me sinto um pouco paulista, pois já estou aqui há cinco anos [...] Mas eu nasci na Bahia”. (L., 27 anos, negro, desempregado, ensino fundamental incompleto).

“Pelo tempo que já estou por aqui, me considero Paulista”. (C., 30 anos, negra, desempregada, ensino fundamental incompleto).

“Já estou aqui há alguns anos [...] acho que sou paulista”. (J., 32 anos, empregado informal, não alfabetizado).

Nossa hipótese inicial baseava-se em uma suposta existência do preconceito do paulistano para com os migrantes nordestinos e esse influenciaria de tal forma que o migrante negaria sua identidade sócio cultural para enquadrar-se nos padrões de comportamento dos paulistanos.

Porém, analisando as entrevistas concluímos que, neste grupo, essa hipótese foi somente parcialmente confirmada, pois, embora 81,25% dos

nordestinos não se sintam discriminados, 68,75% dos paulistanos os discriminam, já que relacionam a migração nordestina à situações negativas, responsabilizando-os pelos problemas sociais da cidade, ou seja, existe o preconceito.

É importante ressaltar que o preconceito identificado incide em sua maioria (81,25%) do preconceito social, já que os paulistanos associam ao migrante a pobreza, o desemprego e a favelização e somente 18,75% incide do preconceito regional.

Outro componente de nossa hipótese que dizia que, os nordestinos negariam sua identidade sócio cultural para enquadrar-se nos padrões de comportamento da metrópole. No entanto, a mesma foi negada, pois 81,25% dos nordestinos reconhecem-se como nordestinos e somente 18,25% reconhecem-se como paulistanos. Importante é ressaltar que estes que se reconhecem paulistanos, afirmam não se sentirem discriminados e relacionam essa auto-afirmação ao tempo em que vivem na cidade.

Com este trabalho concluímos que, neste grupo, os paulistanos discriminam os migrantes, embora estes não se sintam discriminados. Os mesmos reforçam o reconhecimento de sua identidade sócio cultural nordestina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho buscamos mostrar como o migrante nordestino se sente e é tratado na cidade de São Paulo.

Como vimos, no grupo entrevistado por nós pesquisadoras, o migrante nordestino não se sente discriminado pelos paulistanos. Isso talvez pelo meio em que eles vivem, já que em sua maior parte, os nordestinos convivem em comunidades com seus iguais.

Já os paulistanos demonstraram discriminação contra este povo. Isso por acreditarem, em sua maioria, que a decorrente migração é a responsável pelas mazelas sociais de nossa sociedade.

Como apresentado no primeiro capítulo deste trabalho, o preconceito é a formação de idéias e valores a partir da experiência imediata, sem nenhum trabalho do pensamento, se nenhuma reflexão. (CHAUI, 1996, p. 23). Este interfere no cotidiano e confere angústias a vítima (BUCCI, 1996, p. 39).

Acreditamos que, como profissionais devemos fazer valer o que diz nosso Código de Ética, onde de acordo com a resolução CFESS, número 273, de 13 de Março de 1993, o profissional deve ter "*um posicionamento em favor da equidade e justiça social, que assegure a universalidade de acesso aos bens e serviços relativos aos programas e política social, bem como sua gestão democrática*". (CFESS, 1993, p. 39).

Este trabalho foi importante, pois nos mostrou um espaço para atuação do Serviço Social, já que vimos que muitas vezes os nordestinos vivem em comunidades. Essas redes sociais são favoráveis ao profissional, pois as relações sociais neste caso, são em sua maioria horizontais, o que contribui para a construção da cidadania e uma ação emancipatória (BAPTISTA, 1998, p. 186-200).

Além disso, o nordestino vivencia as contradições da sociedade: o desemprego, as ruins condições de saúde, moradia, educação e saneamento, que são reflexos da questão social, objeto de trabalho do Serviço Social.

Outro ponto relevante é que o grupo entrevistado nos apresentou que os locais de socialização e tradição nordestina são pouco divulgados, e muitas vezes não conta com a presença de um assistente social.

Neste trabalho, nós pesquisadoras, sentimos a escassez de produção acadêmica na esfera do Serviço Social, referente ao tema sobre preconceito regional.

Entretanto esperamos que este trabalho possa servir para consulta ou até mesmo seja aprofundado por outros pesquisadores, no que tange a discussão sobre o reconhecimento da existência de preconceito contra migrantes nordestinos.

Em nenhuma circunstância devemos aceitar o preconceito, já que devemos partir do princípio que a migração é um direito fundamental, tanto quanto continuar em sua terra de origem em condições que garantam a dignidade da pessoa. De acordo com Simões (1999) é nossa obrigação, do Estado e da ordem econômica garantir e amparar esse direito.

BIBLIOGRAFIA

Assistentes Sociais - Brasil 2. Serviço Social - **Leis e legislação Brasil - I. Conselho Regional de Serviço Social do Estado de São Paulo**, 9^o Edição.2006

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico: To Fora!** In: PINSKY, Jaime (Org.). 12 Faces do Preconceito. São Paulo: Ed. Contexto, 1999.

BAPTISTA, Dulce M. T. **Nas Terras do Deus Dará – Nordestinos e suas Redes Sociais**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo: 1998.

BERNARDET, Jean-Claude. **Ser ou Não Ser Não é a Questão**. In: PINSKY, Jaime (Org.). 12 Faces do Preconceito. São Paulo: Ed. Contexto, 1999.

BOGUS, Lucia M. M.; TASCHNER, Suzana Pasternak. **São Paulo, o Caleidoscópio Urbano**. São Paulo: 2005.

BOCCHI, João Ildebrando et al. **Economia Brasileira**. São Paulo: Editora Saraiva, 3º Edição, 2006.

BUCCI, Eugênio. **Sociedade de Consumo ou Consumo de Preconceitos**. In: LERNER, Julio. O Preconceito. São Paulo: IMESP, 1996.

CARDOSO, Ruth. **A Cidadania em Sociedades Multiculturais**. In: LERNER, Julio. O Preconceito. São Paulo: IMESP, 1996.

CHAUÍ, Marilena. **Senso Comum e Transparência**. In: LERNER, Julio. O Preconceito. São Paulo: IMESP, 1996.

CUTTI, Dirceu. **Casa do Migrante**. Disponível em: <http://www.casadomigrante.com.br>. Acesso em 07 jul.2007.

DALLARI, Dalmo. **Policiais, Juizes e Igualdades de Direitos**. In: LERNER, Julio. O Preconceito. São Paulo: IMESP, 1996.

ELUF, Luiza Nagib. **Lugar de Mulher é na Cozinha?** In: PINSKY, Jaime (Org.). 12 Faces do Preconceito. São Paulo: Ed. Contexto, 1999.

LEME, Luiz E. Garcez. **Quem gosta de Velho é Reumatismo**. In: PINSKY, Jaime (Org.). 12 Faces do Preconceito. São Paulo: Ed. Contexto, 1999.

LINDOSO, Ester. **Identidade Nordestina: de Imaginário, Estereótipo e Humor**. São Paulo: 1997.

MAGNOLI, Demétrio. **Regionalismo e Preconceito Contra o Nordestino**. In: Identidade Nacional em Debate. São Paulo: Ed. Moderna, 1998. P.119-125

OLIVEIRA, José Hercílio Pessoa; SALES, Maria do Socorro. **Migração e Identidade Nordestina: Um estudo exploratório**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) Universidade São Marcos, São Paulo: 2005.

[on line] Disponível em:
<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=5799790>. Acesso em 23 julho 2007

PENNA, Maura. **O Que Faz Ser Nordestino: Identidades Sociais, Interesses e o Escândalo Erundina**. São Paulo: Cortez, 1992.

PERDIGÃO, Magaly; PERILLO, Sonia. **SP Demográfico – Estatísticas Vitais do Estado de São Paulo**. São Paulo: Ano 04, número 06, 2003.

PINSKY, Jaime (Org.). **12 Faces do Preconceito**. São Paulo: Ed. Contexto, 1999.

PINTO, Célo Regina Jardim. **Uma história do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003. P. 23-28

RIGAMONTE, Rosani. **Sertanejos Contemporâneos: entre a metrópole e o sertão**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo: 1997.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Editora Publifolha, 2007. P. 20

SILVA, Elaine Cristina Camillo. **Cotidiano e Convivência na Casa do Migrante**. Revista Travessia, Número 47. São Paulo: 2003

SILVA, Jose Afonso da. **Curso de Direito Constitucional Positivo**. Editora Malheiros 29ª Edição: 2007

SIMÕES, Renato. **Cidadãos de Segunda Classe**. In: PINSKY, Jaime (Org.). 12 Faces do Preconceito. São Paulo: Ed. Contexto, 1999.

SPOSATI, Aldáiza. **Feios, Sujos e Mal Lavados**. In: PINSKY, Jaime (Org.). 12 Faces do Preconceito. São Paulo: Ed. Contexto, 1999.

ANEXOS

ANEXO I

orkut - Comunidade - Mensagens - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Indereço <http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=35817598&tid=2550598633417839791&na=3&nst=11&nid=35817598-2550> Ir

EXPLODAM O NORDESTE

mostrando 11-15 de 15 [primeira](#) | [< anterior](#) | [próxima >](#) | [última](#)

 [Odeio sotaque nordestino!](#)

[ver perfil](#)
[ver fórum](#)
[ver enquetes](#)
[ver eventos](#)

 **sargento** 22 ago (16 horas atrás)
o rio de janeiro fica no nordeste? esa eh nova!
quem disse q sou nordestino?
. nao te chamei de hpomossexual em nenhum momento, esqueci de novo: estou dialogando com quem nao sabe diferenciar sudeste de nordeste! q fulera!

MARCELO
 eu gostaria que o rio de janeiro fosse explodido junto com o nordeste, só tem preto e favelado, na maioria pretos favelados e ladrões. 22 ago (15 horas atrás)

Gabriel.O Novico
 22 ago (15 horas atrás)

MARCELO
 eu lamento por vcs q estão com todo esse preconceito, de nordestinos, e tem ate um q fala q no rio tbn so tem preto e favelado; olha cara, vou te da um conselho, tira tua foto do teu perfil, e tomara q alguém ainda não a tenha salvo falou! fica esperto! é lamentavel! cuidem-se 23 ago (14 horas atrás)

Sul-Sudeste o País Perfeito



[participar](#)
[ver fórum](#)
[ver enquetes](#)
[ver eventos](#)
[convidar amigos](#)
[denunciar abuso](#)

descrição: Comunidade pra as pessoas q naum aguenta mais leva Brasil nas costas. Vamos torna nosso pais um pais desenvolvido e de primeiro mundo na america do Sul, EUA NAO MANDARÁ MAIS EM NOS.

.Todo Membro tem direito de expressão seja contra ou a favor de suas ideias(claro q sempre falando bem da junção sul-sudeste)...mas eu disse expressão .Qm naum gostou da ideia, NAO entre na comunidade

membros

 **LULA!**
  
[André \(182\)](#) [Felipe \(290\)](#) [Bruno \(655\)](#) [Dôçô \(255\)](#)

  
[Luis Renato \(998\)](#) [Gustavo \(189\)](#) [Edilson \(331\)](#)

[ver membros](#)

OFICIAL
ODEIO QUEM ODEIA BAIANO!

- participar
- ver fórum
- ver enquetes
- ver eventos
- convidar amigos
- denunciar abuso

Novo! Agora você pode pesquisar tópicos no fórum de uma comunidade. [Experimente](#)



ODEIO QUEM ODEIA BAIANO! (1.0)



descrição: Sim... Somos Baianos e com muito orgulho! Essa Comunidade é destinada, a todos os BAIANOS(AS) ou MEMBROS de Outros ESTADOS, que não suportam esse preconceito com a BAHIA bem como com aos BAIANOS!

Fico Indignado quando nos Taxam como preguiçosos que baiano não trabalha, só toma água de coco embaixo do coqueiro vendo o tempo passar;

membros (31.068)

			
★ aine (849)	RUAN E JAMILLE (389)	Rafael (953)	Adriã (410)
			
Mau (315)	★Milly★ Dramilly (997)	Diane (469)	Rafael (410)

[ver membros](#)

ANEXO II

1. Raimundo, nascido em Caxias/MA.

Idade: 55 anos

Sexo: Masculino

Cor: Pardo.

Situação Empregatória: Assalariado com registro

Renda mensal: R\$ 1.200,00

Escolaridade: Ensino Médio Completo.

“Eu vim para São Paulo em 1974... vim buscar um padrão de vida melhor... atrás de uma estabilidade financeira né... Só vim eu e um amigo meu... a gente veio ficar na casa do tio desse meu amigo, porque ele já morava aqui... Em três meses eu consegui um emprego... e fui morar numa pensão, pensãozinha simples sabe?

Eu sabia que tinha um lugar na Zona Norte que tinha festa nordestina... mas nunca fui... nós maranhenses nos reuníamos em Itaquera, nos finais de semana... Hoje tem o CTN e o Patativa... Não Freqüento mais não... Antes eu era solteiro..era mais fácil...((risos))... eu podia ir...

A minha esposa é de lá também (do Maranhão)... Eu fui pra lá passar as férias, a conheci, a gente casou e veio pra cá...

De tradição da minha terra nós mantemos a comida, a música, as brincadeiras... eu não gosto de muita bagunça.

Eu nunca passei por nenhuma discriminação... Sempre fui muito bem tratado.

Eu sou nordestino... Nós não esquecemos as raízes né... Eu sempre vou pra lá... Não esqueço minhas raízes”.

2. Giselda, nascida em São Benedito do Sul / PE.

Idade: 33 anos

Sexo: Feminino

Cor: Pardo.

Situação Empregatória: Desempregada

Renda mensal: -

Escolaridade: Ensino Fundamental Completo.

“Foi em 1988... Meu pai era político, e perdeu a eleição lá em Pernambuco e ficou com raiva e quis sair de lá, quis vir embora pra São Paulo. Ele ficou com raiva do pessoal de lá...e veio pra São Paulo...eu tinha uns 13 anos.

Nós viemos pra casa de uma tia nossas... Ficamos lá um bom tempo... Depois todos começamos a trabalhar e alugamos uma casa.

Já ouvi falar de uma feira que tem... Não sei onde... Mas nunca fui... Já tive vontade... Mas meu marido não gosta (risos), (risos)... Ai nunca liguei de ir... Mas toda vez que vejo na tv fico com vontade de ir...mas nunca fui não...

Ahhhh mantenho... A música (risos), a comida... A gente é muito ligado também... A família sabe... Isso é uma característica de lá... Somos muito ligados... Eu sou muito dada pra família... Dada até demais... Outra coisa também... A gente mistura um pouco o sotaque ne...(risos)... Mas tem coisa que em casa a gente fala que é de lá... Tem coisas que é bem arrastado (risos),(risos),(risos)....

Tenho vontade de sair de São Paulo... Mas não de voltar pra minha cidade... Tenho vontade de ir para Salvador, isso porque meu pai faleceu faz uns cinco anos... E tenho muitas lembranças... Não voltaria pra lá não... Mas quero sair daqui.

Jááá... Logo quando cheguei aqui... Na escola... O pessoal falava: “essa daqui é uma baianinha que chegou agora”... Mas eu nem ligava... Deixava pra lá... Teve uma vez que marcou bastante... Logo quando cheguei... A professora falou que eu falava muito arrastado... A gente fala carrrrne né... E o pessoal aqui fala carne...aí ela me disse “o menina... Fala direito... Vocês baianos tem mania de colocar r onde não existe... Não é carrrrne... É carne... Você vai ter que aprender falar que nem aqui... Fala!” Aí eu chorei muito... Disse pra minha mãe que não voltaria mais pra escola... Minha mãe falou “calma filha... É assim... Logo você se acostuma”... Eu fiquei muita magoada sabe?....

Teve outra vez também... Quando comecei a me interessar pelo meu esposo... Eu tinha uma colega paulista que falou... O S. não merece namorar você... Você é nordestina... Ele merece namorar uma paulista... Ele merece coisa melhor....ai eu disse pra ela que ele quem deveria decidir... Ainda bem que ele escolheu a nordestina aqui (risos), (risos) (risos)....

Teve a vez lá dos carecas... (risos)... eu morria de medo de sair na rua (risos)...Eu dizia que era mineira, gaúcha, qualquer coisa... Menos nordestina... Ficamos com medo né... (risos)...

É que os próprios paulistas fazem à gente pegar bronca deles... Eles não gostam da gente... Não vou falar que nordestino é boa gente né)risos)... Sempre tem sua viravolta (risos)... Mas é difícil... Mas tem muito paulista bom também... Que trata a gente com carinho... Que faz questão de receber a gente...

Ahhhh! Nordestina com certeza! Eu não tenho vergonha de dizer que sou nordestina... Tem gente que tem né... Eu mesmo... Às vezes encontro com alguns amigos de lá... E eles falam que são de Recife... (risos) aqui em São Paulo todo mundo fala que é de Recife (risos)...eu não tenho vergonha...falo mesmo que sou nordestina...e sou do interior risos...Eu quero levar meu filho pra conhecer lá minha cidade....quero que ele tenha orgulho né...os nordestino ajudaram a construir São Paulo.

3. Sitônio, nascido em Itauceras / PI.

Idade: 49 anos

Sexo: Masculino

Cor: Pardo.

Situação Empregatória: Assalariado com registro

Renda mensal: R\$ 850,00

E escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto.

“Eu vim pra cá em 92... Eu investi em agricultura lá (Piauí), em arroz, milho... Tava um crise feia lá... Ai eu vim... Com as economias... Vim me aventurar...

Tentar alguma coisa... Deixei minha família lá e vim... Fiquei sete meses sozinho e depois fui buscar eles...

Vim sozinho, ficar na casa do meu cunhado... Fiquei por dois meses lá... Ao eu arrumei emprego e aluguei uma casa.

Eu conheço a Rádio Atual, a Estação 50, em Osasco... E freqüento ainda...

Ai eu mantenho tradição sim... Como carne e feijão do Nordeste... Eu mando trazer de lá de ônibus... Depois eu busco na rodoviária... É que o pessoal de lá me conhece né... Aí põe no ônibus pra mim.

Eu nunca senti dificuldade, a única coisa que eu tenho é o que todo mundo tem... Nunca teve discriminação...

Eu ouvi o Maluf falando que se ganhasse a presidência ia expulsar os nordestinos daqui. O Brasil é de todos... Quem quiser pode ir pra qualquer lugar... Eu não me senti intimidado, pois não dependo de político pra sobreviver, dependo do lugar, do meu trabalho pra sobreviver...

Meu sonho é voltar, assim que der eu volto, mas eu to empregado, tenho filhos e netos que foram criados aqui né... Não posso ir assim.

Me considero nordestino com muito orgulho! Não tenho vergonha, não nego pra ninguém. Meus filhos tudo fala que é piauiense.”

4. Lenira, nascida em Condado / PE

Idade: 38 anos

Sexo: Feminino

Cor: Negra

Situação Empregatícia: Assalariado sem registro

Renda mensal: R\$ 400,00

Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto.

“Vim em 1997, com meus dois filhos. Meu marido já morava aqui e já tinha alugado uma casa...Já trabalha aqui...foi mais fácil...

Não conheço nenhum lugar de festa nordestina nãoo. Não dá tempo de se divertir...

Nunca passei por nada de dificuldade... Sempre fui bem tratada... Passei as dificuldades que todos passam: desemprego, não conseguia ajudar meu marido.

Lá em casa eu só mantenho a feijoada...mais nada..

Eu sou pernambucana, é lógico!”.

5. Felipe, nascido em Condado / PE.

Idade: 17 anos

Sexo: Masculino

Cor: Negro.

Situação Empregatória: Desempregado

Renda mensal: -

Escolaridade: Ensino Médio Incompleto.

“Eu vim com minha mãe e meus dois irmãos... quando tinha uns 8 anos...

Meu pai já morava aqui... A gente já tinha casa já...

Não conheço nenhum lugar não...nunca fui em festa nordestina...

Só como a feijoada (risos)..não conheço nada de lá por aqui...

Já passei por uma situação ruim já... No começo ficavam zoando na escola por causa do sotaque, mas eu discutia, brigava com eles, mas eu continuava falando do mesmo jeito.

Ah! Eu sou pernambucano! Eu nasci lá, e minha família é de lá... Eu sou pernambucano”.

6. Luis Carlos, nascido em Ibirataia / BA.

Idade: 27 anos

Sexo: Masculino

Cor: Pardo

Situação Empregatória: Desempregado

Renda mensal: -

Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto.

“Vim em 2002... Vim procurar emprego... Eu trabalhava lá, mas não era registrado, aí eu quis coisa melhor. Eu vim sozinho.

Como a minha irmã já morava aqui ficou mais fácil... vim ficar na casa dela... aí agora faz uns dois anos que eu comprei a minha casa... E agora moro com a companheira... não é esposa...é só companheira...

Não conheço nenhum lugar não... Só a feijoada que eu como de vez em quando...

Não, nunca passei por nada de situação de preconceito...

Agora eu me sinto um pouco paulista, pois já estou aqui há cinco anos... Mas eu nasci na Bahia.”

7. Caline, nascida em Ibirataia / BA.

Idade: 15 anos

Sexo: Feminino

Cor: Pardo

Situação Empregatória: Estudante

Renda mensal: -

Escolaridade: Ensino Médio Incompleto (cursando)

“Eu vim pra cá em 2000, com a minha mãe e minha irmã... A minha mãe já tinha vindo antes, conseguido trabalho e alugado uma casa... Depois buscou a gente...

Não conheço nenhum lugar não...

Mainha costuma fazer caruru, cocada, feijoada... rs... As músicas são as mesmas aqui e lá.

Nunca passei por nenhuma discriminação

Oxi, me acho baiana, nasci lá”.

8. Gilson, nascido em Recife / PE.

Idade: 41 anos

Sexo: Masculino

Cor: Negro

Situação Empregatícia: Assalariado com registro

Renda mensal: R\$ 750,00

Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto.

“Vim em 1981 pra cá pra arrumar emprego... Vim eu, minha irmã e meu cunhado...

Minha irmã foi passar as férias lá... E eu já tinha feito 14 anos, então vim arrumar emprego... Arrumei em seis meses... Morei com ela por sete anos.

Aqui de festa nordestina eu conheço o Patativa... Vou às vezes, por causa da comida, da animação, da cerveja... Só minha irmã mora aqui... Então eu vou me divertir.

Nunca sofri nada de discriminação... A gente brinca muito... Mas nada que magoe... Chamam de cabeça chata, de baianinho... Mas nem ligo, nem esquento a cabeça... Eu tenho orgulho.

A comida... Minha esposa é de lá também... Aí ela que gosta de fazer: inhame, batata doce, jabá. É bom de vez em quando né?

Eu sou nordestino... Sempre que posso vou pra lá... Sou nordestino!”

9. Carmem, nascida em Rio do Antonio / BA.

Idade: 30 anos

Sexo: Feminino

Cor: Pardo

Situação Empregatícia: Desempregado

Renda mensal: -

Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto.

“Acredito que vim em 1968... Vim atrás de emprego, procurando uma vida melhor... Vim com meus parentes...

Quando cheguei aqui fiquei na casa de parentes até me erguer na vida...até conseguir alguma coisa...

Não conheço nenhum lugar de tradição não...

*Só a comida que como aqui, que é a mesma que eu comia lá e meu sotaque que continua, isso agente não perder não é?
Não nunca tive problemas de discriminação, nunca me trataram diferente...
Pelo tempo que já estou por aqui, me considero Paulista.”*

10. Gileno, nascido em Rio do Antonio / BA.

Idade: 32 anos

Sexo: Masculino

Cor: Pardo

Situação Empregatória: Trabalhador autônomo

Renda mensal: R\$ 1.000,0

Escolaridade: Ensino Médio Completo

“Em 1988... Vim pra cá a trabalho... Vim com a família... Vim com a cara e a coragem.

Eu conheço o Bairro do Limão, o Patativa, e o Jd. Prudência são lugares de grande concentração nordestina... Freqüento apenas os bairros, vou porque gosto tenho bastante amigos por lá... Mas não me divirto, eu trabalho!

Mantenho apenas o hábito da comida nordestina...feijoada, jabá...

Não... Nunca me senti discriminado...e me considero nordestino.”

11. Inês, nascido Codó / MA

Idade: 35 anos

Sexo: Feminino

Cor: Pardo

Situação Empregatória: Desempregada

Renda mensal: -

Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto.

“Cheguei em São Paulo mais ou menos em 1993. Vim aqui para trabalhar, viemos eu e uma amiga... Meu irmão já estava aqui, fiquei na casa dele...”

Não conheço nenhum lugar não... Vou ao SESC, e shoppings.. Me divirto com meus amigos e parentes....

Como as comidas e as musicas, mas não para lembrar algo que deixei pra trás, faço porque gosto...Sempre fui bem aceita aqui em São Paulo...mas me considero nordestina.”

12. Iraci Guedes, nascida em Rio do Antonio / BA.

Idade: 34 anos

Sexo: Feminino

Cor: Negra

Situação Empregatória: Assalariado com registro

Renda mensal: R\$ 700,00

Escolaridade: Ensino fundamental incompleto.

“Cheguei em São Paulo mais ou menos em 1962, vim a trabalho, não tinha nada em vista, mas vim procurar. Vim pra cá com minha mãe. Quando chegamos aqui, ficamos na casa do meu tio.

Não conheço nenhum lugar não... Eu só vou à igreja...

Apenas mantenho a comida, gosto de canjica...(risos)

Já me senti inferior sim... As pessoas nos olham com preconceito, mas acho que isso é com todos... o preconceito é mais racial.

Eu me considero nordestina, porque foi lá que eu nasci.”

13. Jose Sabino, nascido em Rio do Antonio / BA

Idade:32 anos,

Sexo: masculino

Cor: Parda

Situação Empregatória: Emprego informal

Renda Mensal: R\$ 1.100,00

Escolaridade: Não alfabetizado.

“Cheguei em 1968... Vim a trabalho, buscando uma coisa melhor na vida... Cheguei aqui sozinho com a cara e a coragem... Fiquei na casa dos meus parentes que já estavam por aqui”.

O único lugar que conheço de tradição nordestina é o Jardim Prudência, lá existem bares que me lembram bastante a Rio do Antonio.

Freqüente bastante o bairro sim vivo indo pra lá.

Pra me divertir faço churrasco com meus amigos

A única coisa que faço pra me lembrar da minha terra é a comida, que a daqui já esta muito parecida com a de lá.

Não, tive nenhum problema, em relação a ser nordestino pra mim as coisas foram difíceis como é pra todo mundo independente de ser paulista ou nordestino.

Já estou aqui há alguns anos né, acho que sou paulista.”

14. Luiz Novais, nascido em Rio do Antonio / BA.

Idade: 35 anos

Sexo: masculino

Cor: pardo.

Situação Empregatória: Assalariado com registro

Renda Mensal: R\$ 1.000,00

Escolaridade: Ensino médio completo

“Cheguei aqui mais ou menos em 1994... Vim pra São Paulo apenas para trabalhar, onde eu estava não havia oportunidades... Vim tentar a vida sozinho. Meu irmão veio pra cá primeiro que eu, então quando eu vim e fiquei na casa dele”.

Conheço o Jardim Prudência, lá tem bastante nordestino.

O Jardim Prudência é um bairro aqui de São Paulo onde os nordestinos se encontram, lá me sinto mais próximo do que deixei pra trás.

Aqui em São Paulo me divirto Jogando Bola

A única coisa que ainda faço que me lembre minha cidade é a comida tipo tapioca.

Quando cheguei a São Paulo fui bem tratado, não tive problema algum.

Sou mais nordestino que paulista na verdade sou Nordestino sempre...”

15. Rosineide, nascida em Candeias / BA

Idade: 30 anos.

Sexo: feminino

Cor: parda

Situação Empregatícia: Assalariado com registro

Renda mensal: R\$ 450,00

Escolaridade: Ensino fundamental incompleto.

“Entre 1997 e 1998... Vim pra São Paulo à procura de emprego... Viemos eu e meu esposo. Fiquei na casa da minha sogra

Não conheço nada nenhum lugar que me lembre Candeias.

Pra me distrair eu passeio com meus filhos

Pra lembrar de lá ouço musicas e como né a comida daqui é bem parecida com a de lá.

Em São Paulo, nunca falaram nada nem me olharam de jeito diferente, aqui todo mundo é igual.

Sou nordestina esse sotaque não nega.”

16. Manoel, Codó / MA

Idade: 33 anos

Sexo: masculino

Cor: pardo.

Situação Empregatícia: Assalariado com registro

Renda mensal R\$ 930,00

Escolaridade: Ensino Fundamental Completo

“Cheguei no ano de 1993. Vim pra São Paulo pra procurar emprego, ainda não tinha nada em vista, vim tentar a sorte. Vim pra cá com minha irmã. Nós dois ficamos na casa de um amigo até as coisas darem certo.

Conheço a Radio Atual e o Patativa... Não frequento, não tenho interesse e nem tempo... Me divirto jogando bola

Pra relembrar meu passado aqui em São Paulo tem a comida

Nunca fui mal tratado ou mal recebido aqui, sempre fui bem tratado.

Sou totalmente nordestino!”

17. Ana Maria

Idade: 34 anos

Sexo: feminino

Cor: Parda.

Situação Empregatícia: Assalariado com registro

Renda Mensal R\$ 1.000,00

Escolaridade: Ensino Superior.

“A vinda dos nordestinos, o, mesmo tempo que é ruim também é bom. É ruim porque atrasa a cidade para onde eles vêm, atrasa no sentido de benefícios. Sabendo que os governantes não investem bem, quando vem mais gente o investimento também é menor. Mas também é bom pela miscigenação da cultura.

Quanto mais gente, mais necessidades o estado tem, e aí se não tem nem investimento e nem qualidade no crescimento, torna-se muito prejudicial.

Não acho correto que tirem pessoas daqui é errado e inconstitucional.

A influencia da migração é positiva. Só enriquece ainda mais a cultura paulista.”

18. Camila

Idade: 21anos,

Sexo: feminino

Cor: branca.

Situação Empregatícia: Assalariado com registro

Renda mensal R\$ 1000, 00.

Escolaridade: Ensino superior, cursando.

“Acho que é uma alternativa para as pessoas que não tem uma boa vida na cidade natal e tentam conseguir algo melhor migrando para cidades maiores, onde possam ter mais chances. A maior influencia é mesmo pelo desemprego, pois os migrantes acreditam que vindo para as cidades grandes têm maior chance de conseguir um emprego, porém nem sempre é assim, pois do mesmo modo que a cidade é grande o número de pessoas

que nela reside também é grande por tanto a procura de trabalho fica bem mais disputada. Claro que muita gente sai da cidade natal pelos outros motivos, mas acredito que 90% das migrações são em busca de emprego.

Acho um absurdo, pois todos têm o direito de ir e vir. Isso pode soar como preconceito. Pois todos têm capacidade de ser alguém na vida. Com certeza os brasileiros não iam gostar se restringisse a sua entrada nos E.U. A acho que a situação é bem parecida, pois ambos saem em busca de uma vida melhor, todos devem ter essa chance.

Influencia, mas não muito, pois como é uma cidade muito grande as culturas acabam por ficar distante uma das outras. Mas como se vê tem muitos lugares onde a cultura do nordeste toma conta, por exemplo, o centro da cidade de São Paulo, existem muitos nordestinos lá que vieram em busca de uma vida melhor e não conseguiram então eles aproveitam sua cultura para se virar por aqui. Vendendo tapioca, acarajé, pastel de carne-seca, produtos artesanais feitos com materiais naturais, entre outras coisas e isso é bom, pois acrescenta conhecimento e novas oportunidades para os paulistas.”

19. Cristina

Idade: 30 anos

Sexo: feminino

Cor: negro.

Situação Empregatória: Assalariado com registro

Renda mensal: R\$ 1.000,00

Escolaridade: Cursando ensino superior

“Pode ser bom pra cidade crescer, mas no caso de São Paulo, é prejudicial, pois o numero de desemprego cresce a pobreza aumenta e a cidade então aumenta em tamanho e habitantes e diminui na qualidade de vida.

Com certeza reafirmo a resposta anterior.

Sobre restrição da vinda acho ótimo, poderia começar a resolver os problemas, mas quanto a expulsar não tenho uma opinião, pois melhoraria para a cidade, mas poderia prejudicar a situação das pessoas.

Acredito que influencia de forma positiva, afinal de contas é uma injeção a mais de conhecimento.”

20. Daniel Bitencourt

Idade: 35 anos

Sexo: masculino

Cor: branco

Situação Empregatória: Assalariado com registro

Renda mensal: R\$ 800, 00,

Escolaridade: Ensino Médio completo

“Uma bosta deveria fecha a rodoviária

Sim quanto mais gente mais roubo mais favela e mais desemprego

Ótimo deveria já ter começado, mandem todos embora aqui já tenha gente demais.

A cultura é ótima, mas seria melhor se estivesse longe daqui...”

21. José da silva Anchieta

Idade: 32 anos

Sexo: masculino

Cor: parda

Situação Empregatória: Autônomo

Renda Mensal: R\$ 1.000,00

Escolaridade: Superior Incompleto

“Falta de atenção dos governantes nos estados dos migrantes, por não oferecerem melhores condições de vida.

A cidade não comporta os paulistas, e a cada minuto chegando mais nordestinos a cidade fica mais cheia ai da nisso, ninguém vence tanta gente.

Políticas voltadas para restrição no meu ponto de vista seriam inconstitucionais, pois no artigo 5º XV deixa bem claro que é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, ou seja, não tem fundamento político para esse fim.

“Acredito que a cultura influencia de forma positiva sim, pois contribuem para o crescimento da cidade.”

22. Thiago Proeti

Idade: 33 anos

Sexo: masculino

Cor: Branco

Situação Empregatícia: Assalariado com registro

Renda mensal R\$ 800,00

Escolaridade: Ensino médio completo

“Acredito que seja um número muito elevado, levando em conta que o comércio e as fontes de emprego em São Paulo já estão saturadas, isto gera mais pobreza.

São Paulo acaba ficando pequeno para um número tão grande de pessoas, e isto gera uma reação em cadeia. Desemprego Falta de dinheiro, Pobreza, Violência.

Acredito que não seja necessária a expulsão, as coisas podem ser resolvidas de outras formas. Por exemplo, criando novas oportunidades fora do Estado de São Paulo.

Eles trazem novas culturas para o nosso Estado, acredito que seja positivo.”

23. Reginaldo Pavanello

Idade: 35 anos

Sexo: masculino

Cor: branco.

Situação Empregatícia: Assalariado com registro

Renda mensal: R\$ 1.000,00

Escolaridade: Superior completo.

“Liberdade dentro do território nacional é direito de todo brasileiro e não deveria ser assunto polêmico.

O fenômeno migratório é direito adquirido do cidadão de buscar oportunidades em qualquer lugar. Seria diferente caso um paulista consiga um emprego no Ceará? Existe alguma diferença?

Não... não acho... A migração não é o problema

Políticas de restrição seriam anticonstitucionais...

O Brasil tem como seu símbolo a “mistura” a cultura nordestina influencia positivamente bem como a do Mineiro e como a do Gaúcho.”

24. Wilson Novais

Idade: 30 anos

Sexo: masculino

Cor: pardo.

Situação Empregatícia: Assalariado com registro

Renda mensal R\$ 1.000,00

Escolaridade: Cursando ensino superior

“Isso é prejudicial, devido à falta de empregos e oportunidades fazendo pessoas abandonam seus estado, familiares e amigos para sobrevivência ou em busca de futuro melhor, causando super lotação em outras cidades deixando de ser um crescimento sustentável, mas sim uma competição em busca de sobrevivência.

Influencia sim, devido a essa superlotação da cidade.

Essas são medidas erradas onde pode causar maior desigualdade social.

A influencia é positiva, porque aumenta o nível de conhecimento cultural da população local.”

25. Paulo

Idade: 42 anos

Sexo: masculino

Cor: pardo.

Situação Empregatícia: Assalariado com registro

Renda Mensal: R\$ 800,00

Escolaridade: Ensino médio completo,

“Completamente... a maioria vem sem estudo, vem sem estrutura, sem educação, sem onde morar, vem com a roupa do corpo praticamente ((risos)).

Vem pra arrumar emprego e aqui não ta fácil... A gente que é daqui já é difícil... Imaginem eles?

Influencia, como eles não tem estrutura, recorrem à violência, ao roubo.

Na realidade a culpa nem é deles, mas sim do lugar de onde eles vêm, tem que arrumar lá primeiro... Lógico que seria bom restringir a vinda deles pra cá... Aqui já não suporta mais... Eles estão invadindo tudo... Não tem pra onde crescer mais... Não tem emprego, não tem nada... Eles só ficam fazendo filho por ai...

Influencia completamente... E negativo... Porque as musicas deles não tem letra, só incentivam a bagunça, até a violência... Influi nas crianças... São coisas bem baixas... Tipo a banda Calypso... Só tem mulher pelada... Ave Maria! Igual a essas bandas: Calypso, Calcinha Preta, meu Deus do céu...”

26. Wagner

Idade: 45 anos

Sexo: masculino

Cor: pardo.

Situação Empregatícia: Assalariado com registro

Renda mensal R\$ 1.500,00

Escolaridade: Superior Completo.

“Você já não tem emprego para o paulista... quanto mais com essa quantidade de gente... Ele vai roubar pra comer... os índices de criminalidade vão aumentar...”

Sou a favor da implementação de políticas para acabarem com a seca e uma política honesta pra melhorar as condições de vida no Nordeste...

Quem vai botar a mão na massa rs?

Existe uma mistura de cultura... O paulistano mantém a própria cultura... Acrescenta outras culturas... Como as festas tradicionais italianas, as festas juninas...

Existe uma manutenção da nossa cultura... E uma agregação de outras... Eu particularmente não gosto.”

27. Roberto

Idade: 44 anos

Sexo: masculino

Cor: pardo.

Situação Empregatória: Assalariado com registro

Renda mensal R\$ 800,00

E escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto.

“A migração influencia na violência... eles vêm tentar alguma coisa e não conseguem nada... aí partem para o crime.

Os governantes de lá deveriam incentivar para eles não virem... Mas é direito de cada um: ir e vir.

Influencia na nossa cultura sim... Porque a maioria que tá aqui é nordestino... Mas eu gosto... Adoro comida nordestina”.

28. Stanley

Idade: 37 anos

Sexo: masculino

Cor: negro.

Situação Empregatória: Assalariado com registro

Renda mensal: R\$ 1500,00

E escolaridade: Ensino Médio completo.

Infelizmente não tem trabalho pra todos... Eles vêm aqui pra periferia... Pra favela. Não tem onde morar... Infelizmente o contingente é muito grande... O contato diário com a favela influencia na criminalização...

Isso é uma questão nacional e não local... Deve haver uma política local lá, de geração de renda e emprego. Se eles tiverem condições lá, eles não vêm pra cá. A idéia de dar passagem é boa, porque tem gente que quer voltar pra lá, mas não tem condições.

Acho positivo, mas é uma questão de gosto. Eu não gosto das músicas, mas gosto da comida. Você tem que respeitar a diferença, a minha esposa gosta de forró... Mas eu não”.

29. Mauricio

Idade: 29 anos

Sexo: masculino

Cor: branco.

Situação Empregatória: Assalariado com registro

Renda mensal: R\$ 1000,00

Escolaridade: Ensino médio completo.

“A violência não é uma questão de onde eles vêm... e sim da educação que tiveram...”

Não vejo razão pra restringir a vinda deles... As pessoas devem ter a vida melhorada lá, onde eles vivem. Os nortistas têm a cidade ruim... Aí eles acham que aqui é a solução... Não é isso.

“É positivo, pois aumenta a diversidade cultural.”

30. Luciano

Idade: 30 anos

Sexo: masculino

Cor: pardo.

Situação Empregatória: Assalariado com registro

Renda mensal: R\$ 750,00

Escolaridade: Ensino médio completo,

“Onde esse povo vai morar? Eles chegam aqui e tem emprego garantido? Geralmente eles saem de lá e não tem nada garantido.

Nós estamos num país livre... Eles devem ter o direito de ir e vir... Todos têm direito de tentar uma vida melhor... Se bem que eles vêm com uma ilusão.

A cultura tem Influencia positiva... Não vejo nada de negativo.”

31. Diego

Idade: 23 anos

Sexo: masculino

Cor: pardo.

Situação Empregatória: Assalariado com registro

Renda mensal: R\$ 1.000,00,

Escolaridade: Ensino médio completo.

“Aumenta as favelas né... porque eles não conseguem arrumar emprego e ficam na rua...”

Tem muito paulista que não quer trabalhar... Porque não deixar eles que tem boa vontade... Todo mundo tem o direito de ir e vir.

Positivo... Não posso falar contra a raça né... Sou filho de paraibano... Ta no sangue... Tem sangue Paraíba na minha veia.”

32. Alfredo

Idade: 18 anos

Sexo: masculino

Cor: branco

Situação Empregatória: Assalariado sem registro

Renda mensal: R\$ 450, 00,

Escolaridade: Ensino fundamental completo.

Quanto mais pessoas tiverem num lugar, mais desemprego. Porque o nordestino não vem pra cá pra ser empregador... Vem pra ser empregado... E o que falta em São Paulo, é empregador.

A culpa do desemprego é dos nordestinos. Enquanto os paulistas estão trabalhando em escritórios, os nordestinos estão em canteiros de obra. Paulista é mais estudado, tem mais chance de estudar.

A migração tem relação com a violência, pois a maioria dos ladrões são nordestinos... A gente vê na tv...

Se os nordestinos não viessem pra São Paulo, não teria tanta gente pra atender...

São Paulo é um país dentro do Brasil... Deveria ter restrição, deveria ter visto, como nos Estados Unidos... São Paulo só não vira país porque senão o Brasil acaba... A renda de São Paulo é maior que a do país inteiro...

Deveria restringir a vinda dos nordestinos, pois eles vêm pra serem empregados... E por exemplo... O gaúcho vem pra empregar... Ou o curitibano, que é melhor que gaúcho né?

Os filhos de nordestinos são criados em São Paulo como nordestinos e não como paulistas... E isso é passado de geração pra geração... Para a cultura de São Paulo, a mistura é negativa... Pois cada um tem sua cultura... Não tem que misturar..."